

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Karina da Silva Batista

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NAS SÉRIES
INICIAIS NO MUNICÍPIO DE PARAIBUNA (SP):
PERCEPÇÕES DE GESTORES E PROFESSORES**

Taubaté

2017

Karina da Silva Batista

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NAS SÉRIES INICIAIS NO
MUNICÍPIO DE PARAIBUNA (SP):
PERCEPÇÕES DE GESTORES E PROFESSORES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Língua materna e Línguas Estrangeiras

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Matravolgyi Damião

Taubaté

2017

Karina da Silva Batista

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NAS SÉRIES INICIAIS NO
MUNICÍPIO DE PARAIBUNA (SP):
PERCEPÇÕES DE GESTORES E PROFESSORES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.
Área de concentração: Língua materna e Línguas Estrangeiras

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr.^a: _____ Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Professora Dr.^a: _____

Assinatura: _____

Professora Dr.^a: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico a minha dissertação a todos os administradores da educação do município de Paraibuna para que possam refletir sobre o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa na região desde a Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

A Prof.^a Dra. Silvia Matravolgyi Damião, pela orientação e principalmente pela paciência em todas as etapas da minha pesquisa.

Aos professores do mestrado, que, com toda sabedoria, conseguiram passar todo conhecimento para atingir as metas necessárias para término das disciplinas e o avanço na dissertação.

À Cidinha, da secretaria, e todos que lá trabalham pela atenção. Aos professores de Paraibuna pela contribuição, ao secretário da educação Sr. Evânio, que durante a realização no início da pesquisa em 2015 apoiou e contribuiu com muitas informações importantes.

A supervisora Érika, que hoje assume os dois trabalhos devido a exoneração e falecimento do Sr. Evânio.

As coordenadoras, as diretoras de todas as escolas participantes do projeto de pesquisa, que autorizaram a aplicação dos questionários em momentos de HEC e aos colegas de trabalho pela compreensão.

Aos meus pais, Antônio e Almira, que em todos os momentos da minha pesquisa entenderam minha necessidade de estudar.

A minha filha, Isabelle, pela compreensão e paciência por estar o tempo todo ao meu lado, sem viagens, passeios.

E as outras pessoas que direta e indiretamente colaboraram para a realização do projeto de pesquisa e finalmente a execução da dissertação de mestrado.

“Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino.”

Paulo Freire

RESUMO

BATISTA, K. S. **O Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa nas séries iniciais do município de Paraibuna (SP): percepções de gestores e professores.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

O tema desta pesquisa são as percepções sobre o ensino aprendizagem de Língua Inglesa (LI) como Língua Estrangeira (LE) para crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I no município de Paraibuna, cidade do interior de São Paulo. A motivação para a realização desta pesquisa foi compreender o porquê, numa cidade com população predominantemente rural como no município de Paraibuna oferta-se a Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças, na Educação infantil e no Ensino fundamental I. O estudo tem como base os preceitos teóricos de diversos autores, como Oliveira (1999), Donnini *et. al.* (2010), Rajagopalan (2013), Gimenez (2013) e Rocha (2010), dentre outros pesquisadores da área. A pesquisa foi realizada em seis escolas da rede municipal de Paraibuna de Ensino Infantil e de Ensino Fundamental I, localizadas na zona urbana e na zona rural da cidade. O objetivo geral da pesquisa é buscar compreender as percepções dos gestores e professores sobre a presença da Língua Inglesa no currículo escolar no município de Paraibuna, conhecendo melhor as percepções sobre o processo de ensino aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças (LEC) pelos profissionais da educação do município. O corpus de análise é composto por questionários aplicados aos participantes: gestores (supervisor, diretores, coordenadores) professores de sala e professores de inglês. Os dados revelam que o ensino foi ofertado para atender as exigências impostas pela delegacia de ensino e pelas mudanças ocorridas na grade curricular e que as percepções dos gestores em relação à Língua Inglesa como Língua Estrangeira é vista como um processo que precisa ser melhorado nas escolas. Observou-se também que o detalhamento sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira pouco aparece no Projeto Político Pedagógico e que para o Ensino infantil não há quaisquer diretrizes. A pesquisa pretende contribuir para as áreas de ensino aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças levando a melhor compreensão das percepções sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Língua Estrangeira; Língua Inglesa; Percepções Docentes.

ABSTRACT

BATISTA, K. S. Teaching-learning of English in the initial series of the municipality of Paraibuna (SP): perceptions of administrators and teachers. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

The theme of this research is the perceptions regarding English teaching and learning as a foreign language for children in preschool and elementary school in Paraibuna Town, located in the countryside of São Paulo State. The research was motivated to search for a reason why, in a predominantly rural city, there is a concern to study the English Language in Early Childhood Education and in Primary school. The study is based on the theoretical precepts of several authors, such as Oliveira (1999), Donnini et al. (2010), Rajagopalan (2013), Gimenez (2013) and Rocha (2010), among other researchers in the area. The research was carried out in municipal schools of Paraibuna, located in the urban and rural area of the city. The general aim of the research was to understand the perception of the administrators and teachers for the presence of the English language in the school curriculum in Paraibuna, to better understand perceptions about the process of teaching a foreign language to children (LEC) by these professionals of the education. The corpus of analysis is composed of questionnaires applied to the participants: administrators (supervisor, directors, coordinators), classroom teachers and English teachers. The data reveal that the teaching was offered to attend the demands imposed by the department of education to comply with the changes in the curriculum and the perceptions of the coordinators concerning the English language as a foreign language is seen as a process that needs to be improved in schools, considering also that the detailing on the teaching of English as a Foreign Language appears little in the Pedagogical Political Project and the Infantile Education there are no guidelines and researches foreign language learning teaching areas for children, leading to a better understanding of perceptions about English teaching as a foreign language.

Keywords: Teaching-learning; Foreign Language; English Language; Teaching Perceptions.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Ensino Fundamental
EI	Educação Infantil
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EMEIEF	Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental
LA	Linguística Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LE	Língua Estrangeira
LEC	Língua Estrangeira para Crianças
LI	Língua Inglesa
NEI	Núcleo de Educação Infantil
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político-pedagógico
HEC	Horário de Estudo Coletivo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Matriz curricular unificada para o período de 2014 a 2018.....	30
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolas da rede municipal de Paraibuna e seus respectivos coordenadores, gestores e professores.	39
Tabela 2 - Número de participantes desta pesquisa categorizados.	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participantes da pesquisa.	41
Quadro 2 - Ordem de apresentação das respostas dos gestores.	46
Quadro 3 - Critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil.	47
Quadro 4 - Critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I.....	48
Quadro 5 - Diretrizes para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Projeto Político Pedagógico.	51
Quadro 6 – Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores de Língua Inglesa (pergunta fechada)	53
Quadro 7 - Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores de Língua Inglesa (pergunta aberta)	53
Quadro 8 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil (pergunta fechada)	54
Quadro 9 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil (pergunta aberta)	55
Quadro 10 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental I (pergunta fechada).....	56
Quadro 11 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental I (pergunta aberta)	57
Quadro 12 – Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa	58
Quadro 13 – Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil na disciplina de Língua Inglesa	59
Quadro 14: Itens Norteadores - Gestores	60
Quadro 15 - Perguntas dos questionários de pesquisa aplicadas aos professores regulares de sala.....	64
Quadro 16 - Percepção sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil.	64
Quadro 17- Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil	64

Quadro 18 - Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I.....	66
Quadro 19 - Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil.....	69
Quadro 20: Itens Norteadores – Professores Regulares	71
Quadro 21 – Itens Norteadores – Professores de Inglês	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO BRASIL	20
1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO E DA LINGUAGEM	22
1.3 POLÍTICAS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL	24
1.4 DOCUMENTOS OFICIAIS	28
1.4.1 Documentos norteadores do ensino das escolas da rede municipal de Paraibuna	29
1.5 ENSINAR E APRENDER LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA CRIANÇAS NO BRASIL	32
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
2.1 PESQUISA QUALITATIVA	38
2.2 O CONTEXTO DA PESQUISA	39
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	40
2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	41
2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	42
3 ANÁLISE DE DADOS	45
3.1 OS GESTORES	45
3.1.1 Critérios para a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil	46
3.1.2 Critérios para a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I	48
3.1.3 Diretrizes para o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Projeto Político Pedagógico	50
3.1.4 Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores da área de Língua Inglesa	52
3.1.5 Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação infantil	54
3.1.6 Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino fundamental I	56

3.1.7 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa	58
3.1.8 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Infantil na disciplina de Língua Inglesa.....	59
3.2 OS PROFESSORES REGULARES DE SALA DAS SEIS ESCOLAS	63
3.2.1 Percepção sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil	64
3.2.2 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa	66
3.2.3 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil, na disciplina de Língua Inglesa.....	68
3.3 A PROFESSORA DE INGLÊS.....	72
3.3.1 Percepção sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil	72
3.3.2 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa.....	73
3.3.3 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil, na disciplina de Língua Inglesa.....	73
4 CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE.....	85
APÊNDICE A – Questionário para gestores.....	86
APÊNDICE B – Questionário para os professores regulares de sala.....	87
APÊNDICE C – Questionário para as professoras de Língua Inglesa	88

INTRODUÇÃO

Habilitada em Letras – Português/Inglês, pós-graduada em Língua Portuguesa, iniciei minha carreira lecionando Inglês para adolescentes no Ensino Fundamental II como professora eventual em escolas públicas estaduais em São José dos Campos (SP). Preocupada com a falta de estabilidade profissional e financeira, resolvi prestar um concurso público para docente em Paraibuna, cidade situada no Vale do Paraíba¹ no interior de São Paulo, onde trabalho atualmente.

O ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira é obrigatório nas escolas regulares de Ensino Fundamental II a partir do 6º ano, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O que chamou a minha atenção já na época em que prestei o concurso foi o fato de o município de Paraibuna ofertar a disciplina de Língua Inglesa nas séries iniciais, ou seja, já na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, embora no Projeto Político Pedagógico da cidade não conste qualquer tipo de informação sobre a presença de políticas públicas específicas para o ensino de Línguas, nem diretrizes para que o mesmo seja bem sucedido. Tal fato corrobora o que Orige (2010, p. 11) afirma:

Nas escolas da rede pública, os desafios se tornam ainda mais intensos, na medida em que o ensino de uma Língua Estrangeira é uma das últimas preocupações por parte da escola, pais e alunos, não havendo meios para que esse problema se dissolva exatamente por não haver uma política nacional para a disciplina.

De acordo com Santos (2010, p. 155), “a falta de diretrizes por si só já seria uma justificativa relevante para que estudos que envolvam o tema sejam intensificados, para somar e contribuir com os poucos existentes”. A autora menciona a necessidade de mais pesquisas sobre o ensino aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para contribuir com as pesquisas já publicadas.

O ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas séries iniciais é facultativo. Incluí-lo ou não na grade curricular é responsabilidade de cada município, pois ainda não há lei nem parâmetros que regulamentem esse ensino.

¹ De acordo com o IBGE, a população estimada de 2017 de Paraibuna é 18.206. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=353560>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

Com isso, a rede pública não tem a obrigação de oferecer o ensino de Línguas Estrangeiras nas séries iniciais.

Rocha (2006) esclarece que:

A inexistência de parâmetros oficiais específicos para o ensino de Línguas nas séries iniciais do Ensino Fundamental brasileiro é resultado da inclusão facultativa do mesmo, que, além de sustentar mecanismos de exclusão não deixa claro quem deve responsabilizar-se por ele, levando à forma desconexa pela qual tal ensino tem-se difundido nas escolas públicas do país. (ROCHA, 2006, p.191)

Apesar da ausência de parâmetros oficiais específicos, pode-se observar que atualmente o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira está sendo amplamente implantado no Ensino Fundamental I (EFI) faixa etária de seis a dez anos e na Educação Infantil (EI) faixa etária de quatro e cinco anos nas redes públicas de ensino. É o que ocorre, por exemplo, em diversas escolas das redes municipais do Vale do Paraíba (SP), como Aparecida, Campos do Jordão, Caraguatatuba, Jambuí e Paraibuna, esta última, foco deste trabalho.

Assim, a motivação para a realização desta pesquisa foi buscar compreender o porquê, numa cidade com população predominantemente rural como no município de Paraibuna, oferta-se a Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. Tendo em vista o cenário brasileiro de diversas pesquisas sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças e o crescimento de trabalhos na área, observa-se que ainda há muitas questões a serem investigadas sobre o ensino aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças. As pesquisas publicadas na área apresentam para o professor que trabalha com essa faixa etária uma infinidade de subsídios, que viabilizam suas práticas em sala de aula. Não há, entretanto, estudos específicos que busquem compreender o interesse do poder público local em inserir, em seus currículos, cursos de Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I.

A partir dessas constatações, o objetivo geral desta pesquisa é buscar compreender as percepções dos gestores e dos professores sobre a presença da Língua Inglesa no currículo escolar do município de Paraibuna, mais

especificamente no Ensino fundamental I e na Educação Infantil. Os objetivos específicos da pesquisa são:

- 1) Compreender as percepções dos gestores;
- 2) Compreender as percepções dos professores regulares de sala;
- 3) Compreender as percepções dos professores de Língua Inglesa do município.

A pesquisa será norteadas pelas seguintes perguntas:

- 1) como se percebe o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I e na Educação Infantil no município de Paraibuna?
 - a) na visão dos gestores (supervisora, diretora, coordenadora)?
 - b) na visão dos professores regulares de sala?
 - c) na visão das professoras de inglês?

Destacam-se alguns trabalhos realizados recentemente no Brasil que têm como foco o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças. Santos (2005) buscou compreender as crenças sobre a inclusão da Língua Inglesa nas séries iniciais na visão dos professores, alunos, diretores e pais nas escolas estaduais e municipais em Sinop (MT). Os resultados enfatizam que há necessidade de pensar e implementar políticas educacionais de ensino de Língua Estrangeira para colaborar com a formação de indivíduos bem preparados para atuar na sociedade brasileira. Coelho (2005), por sua vez, realizou um levantamento de crenças sobre ensino e aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira com quatro professores de Inglês em formação e alunos do Ensino Fundamental e médio em três escolas públicas da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais. Os resultados sugerem que os professores acreditam ser responsáveis pela aprendizagem de seus alunos e dizem que é possível aprender estruturas básicas da Língua, enquanto os alunos acreditam que realmente o ensino da Língua Inglesa tem que começar nas séries iniciais. Já Costa (2007) abordou, em sua pesquisa, o ensino de Língua Inglesa para crianças e a falta de profissionais habilitados, através de um estudo de caso em dois ambientes onde as professoras-sujeitos de pesquisa atuavam: uma num instituto de idiomas; e a outra nas escolas da rede municipal do Sudoeste do Paraná, analisando as diferenças e as semelhanças. O resultado foi que, embora as professoras tenham a formação acadêmica em Letras e Pedagogia e as competências distintas das habilidades em Língua Estrangeira, ambas demonstram implementar atividades pedagógicas baseadas em suas competências

implícitas e crenças a respeito da Língua e não nos cursos de licenciatura que ambas frequentaram. Ainda, Orige (2010) estudou a situação da formação do professor de Inglês como Língua Estrangeira que trabalha nas escolas regulares com crianças a partir de três anos e discutiu o fato de que nos cursos de Letras não se oferece formação específica para esses profissionais que lecionam na educação infantil e nas séries iniciais. Os resultados sugerem que esses profissionais façam cursos de especialização para esta área de ensino. Já Mello (2013) pesquisou o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para Crianças com o objetivo de investigar a obrigatoriedade da oferta da Língua Inglesa no município de Rolândia (PR). Em Rolândia, município situado no norte do Paraná, o projeto inicial inclui a Língua Inglesa desde as séries iniciais. Nas discussões e análise sobre políticas, mostra o quanto o ensino de Língua Inglesa para crianças colaborara para a compreensão das relações entre Língua Inglesa e globalização, uma vez que as práticas de ensino de Língua Inglesa para criança influenciaram a política educacional de Rolândia, permitindo que essa pesquisa ofereça reflexões e informações sobre como foi implantado o ensino de Língua Inglesa no ensino fundamental I.

Em nosso país, essa oferta vem acontecendo em alguns municípios de modo heterogêneo: ora em formato de projeto ora como exigência legal.

Finalmente, Villani (2013), em sua pesquisa intitulada “A implantação do ensino aprendizagem de Língua Inglesa no currículo regular do Ensino Fundamental I nas escolas regulares: A necessidade de se rever o processo formativo dos professores pré e em serviço”, apresenta um estudo sobre a implementação do ensino de inglês no Ensino Fundamental I. Constatou que não há professores que trabalham nesse nível de ensino. O mesmo autor estudou o que dizem os documentos oficiais sobre a Língua Estrangeira no currículo oficial das escolas da educação básica. O resultado da pesquisa mostra que atualmente o ensino de inglês no Ensino Fundamental I tem sido amplamente implantado nas redes privadas e públicas com repetições de estratégias realizados no Ensino Fundamental II e médio. O intuito não foi criar um novo método para trabalhar nas séries iniciais e sim um desenvolvimento de abordagens onde o professor possa escolher seus modelos pessoais de ensino ou técnicas de acordo com o contexto de atuação.

Conforme bem aponta Almeida Filho (2017), ainda são poucos os estudos voltados para as políticas públicas no ensino de Línguas no Brasil. Assim sendo, ao

investigar as percepções de gestores e docentes sobre a presença do ensino de Língua Inglesa nas séries iniciais (Educação Infantil e Ensino Fundamental I), este estudo procura contribuir com essa subárea dentro dos estudos da Linguística Aplicada.

A presente pesquisa está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, a fundamentação teórica está dividida em temas: no primeiro, faço um breve relato sobre a história do ensino do Inglês no Brasil. Em seguida, no segundo tema, abordo a questão das políticas públicas na área da educação e da linguagem; já no terceiro tema, abordo também as políticas do ensino de Língua Inglesa no Brasil. No quarto tema, apresento uma síntese dos documentos oficiais, ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)-Língua Estrangeira Brasil (1998), e também os documentos norteadores do ensino das escolas da rede municipal de Paraibuna; e finalmente, no quinto tema, abordo as percepções sobre ensinar e aprender Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças no Brasil a partir de alguns estudos.

No segundo capítulo, apresento os procedimentos metodológicos da pesquisa. Descrevo as escolas, os participantes da pesquisa, o instrumento de coleta e os procedimentos de análise dos dados, que serão analisados à luz de Bardin (2016).

No terceiro capítulo apresento a análise dos dados, respondo as perguntas de pesquisa e, portanto apresento as percepções dos gestores, as percepções dos professores regulares de sala e a percepção da(s) professora(s) de Língua Inglesa. E por último a conclusão e as referências.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, CAAE: 57958316.0.0000.5501, parecer número 1.681.641.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentadas as bases teóricas que direcionam esta pesquisa. O capítulo está organizado da seguinte forma: primeiramente, faço um breve relato sobre a história do ensino de Inglês no Brasil e, para isso, tomo como base os trabalhos de diversos autores, dentre eles: Oliveira (1999); Leffa (1999); e Donnini, *et.al.* (2010). Em seguida abordo as políticas públicas, políticas da linguagem e as políticas do ensino de Línguas no Brasil à luz de alguns autores dentre os quais Rajagopalan (2013), Casoy (2006); Pfeiffer (2011), Azevedo (2004) e Gimenez (2013). Dando continuidade ao capítulo, discorro sobre alguns documentos oficiais da educação, e sobre os documentos norteadores do ensino de Paraibuna. Finalmente, na quarta seção, trato sobre as percepções de ensinar e aprender Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças (LEC) no Ensino Fundamental I, conforme os estudos de Rocha *et.al.*(2010) entre outros.

1.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO BRASIL

Conforme Oliveira (1999), o ensino formal de Língua Inglesa no Brasil iniciou-se com o Decreto de 22 de junho de 1809, assinado por D. João VI, Príncipe Regente de Portugal, decreto esse que preconizou a criação de duas escolas de Língua Estrangeira: uma de Língua francesa e outra de Língua Inglesa. No mesmo ano, D. João VI nomeou o padre irlandês Jean Joyce como o primeiro professor de Língua Inglesa no Brasil. Ainda de acordo com Oliveira (1999), o Inglês, durante o reinado de D. João VI no Brasil, que durou de 1808 a 1821, tinha uma utilidade essencialmente prática, constituindo-se apenas como uma opção profissional no embrionário mercado de trabalho existente. Ainda, o mesmo autor informa que o Colégio D. Pedro II, criado em 1837, foi o primeiro estabelecimento oficial dos estudos secundários e que, contemporaneamente à sua fundação, foi instituído o ensino de Literatura, tanto a nacional como as Estrangeiras. Naquela época, o ensino de Inglês era considerado desnecessário ao currículo dos estudos secundários, pois seu conhecimento não era requisitado para a entrada nas

academias; era, portanto, tomado como uma disciplina complementar aos estudos primários (OLIVEIRA, 1999).

De acordo com Donnini, *et.al.* (2010) o propósito do ensino das Línguas Estrangeiras modernas (Francês, Inglês e Alemão) era oferecer aos alunos o acesso a textos literários no idioma original. Assim, seguiam-se as mesmas práticas adotadas para o ensino das Línguas mortas (latim e grego clássicos, que eram disciplinas obrigatórias), isto é, enfatizava-se gramática e tradução.

A cronologia histórica possibilita algumas reflexões sobre as mudanças sofridas pelo ensino de Língua Estrangeira moderna nas escolas. Conforme Donnini *et.al.* (2010, p. 2), “Em 1915, o ensino de grego clássico é retirado do currículo e o número de Línguas Estrangeiras modernas é reduzido para dois: francês, inglês ou alemão”. As mesmas pesquisadoras afirmam que, em 1931, com a reforma de Francisco de Campos, houve a diminuição da carga horária do Latim e o incentivo às Línguas Estrangeiras modernas; já em 1942, o ensino de Línguas Estrangeiras modernas alcançou um significativo aumento de aulas semanais; nesse período, segundo elas, o ensino da Língua Inglesa torna-se obrigatório a partir do segundo ano do ginásio, que tinha duração de quatro anos, e nos dois anos iniciais do colégio, que tinha duração trienal.

Donnini *et. al.*(2010) ainda explicam como se deu, em 1961, a descentralização do ensino das Línguas Estrangeiras, promovida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Nessa época, as Línguas Estrangeiras modernas deixaram de compor as disciplinas obrigatórias, tornando-se complementares ou optativas, e sua oferta tornou-se dependente das condições de ensino das escolas brasileiras. As autoras esclarecem que, também nesse período, houve a redução do número de Línguas Estrangeiras modernas no currículo brasileiro para apenas uma, a Inglesa. Posteriormente, em 1984, ainda de acordo com Donnini *et.al.* (2010), a Resolução n.º 355/84, converte a Língua Estrangeira em “atividade” no Ensino Fundamental e conserva-a como “disciplina” no Ensino Médio. As pesquisadoras sustentam que o resultado dessas mudanças foi a diminuição do número de aulas no currículo das escolas brasileiras, o que marcou o período como o ápice da crise no ensino de Línguas Estrangeiras modernas.

Por sua vez, Bohn (2003 *apud* COELHO, 2005) em seus estudos, diz que o ensino de Língua Estrangeira no Brasil divide-se em três fases: a primeira fase, o período pós-Segunda Guerra Mundial, fase que se estendeu de meados dos anos

de 1940 aos anos 1960 e em que as Línguas (Francês, Inglês, Espanhol e Latim) eram valorizadas, seguindo-se o modelo europeu humanístico; a segunda fase, o período da Ditadura Militar (décadas de 1960 e 1970), quando se abandonou a tradição francesa, as Línguas Estrangeiras modernas, bem como as matérias de Ciências Humanas, perderam seu lugar. Já por volta do final dos anos 70, início dos anos 80, percebe-se a importância de se aprender inglês, e é nesse período que começam a surgir diversos cursos de idiomas, e muitas pessoas começam a buscar viagens educativas e intercâmbios, principalmente para os Estados Unidos da América e Inglaterra. Finalmente, a terceira fase destacada pelo autor foram as últimas reformas educacionais, com a LDB de 1996 e os PCN de 1998, fase em que o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira começou a ser obrigatório de (5.^a a 8.^a série) atualmente, 6.^o ao 9.^o anos e também no Ensino Médio.

A inclusão desse breve histórico sobre a inserção do inglês como Língua Estrangeira no currículo da educação básica brasileira neste capítulo justifica-se pelo fato de se perceber a importância de se conhecer o contexto histórico que circunda o ensino de Língua Estrangeira no Brasil, para, assim, compreender as percepções dos gestores, professores em relação ao ensino de Inglês nas escolas da rede municipal de Paraibuna, que é o foco da pesquisa.

Tais percepções podem ser de alguma forma influenciada pela trajetória e história de vida escolar dos participantes da pesquisa.

Assim, finalizo esta seção e início a próxima, que abordará as políticas públicas na área da educação e da linguagem.

1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO E DA LINGUAGEM

Esta seção tem por objetivo discorrer sobre as políticas públicas na área da educação e da linguagem.

Rajagopalan (2013, p. 145) esclarece que “a questão política sempre esteve presente o tempo todo ao longo da história influenciando diretamente a tomada de decisões no que tange as políticas educacionais”. Ainda de acordo com ele, “As políticas devem ter como objetivo introduzir mudanças no comportamento de um povo e até mesmo nas suas formas de pensar” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 161). Compreendendo-se política a partir da visão desse autor, é possível se estabelecer

uma conexão entre o conceito de política e o conceito de políticas públicas. Para Casoy (2006, p.66) “políticas públicas são o modo efetivo do Estado de responder às demandas que emergem da sociedade e do seu próprio interior, através da previsão legal de direitos e garantias.” Souza (2010), por sua vez, explica que as políticas públicas após formuladas, desdobram-se em planos, programas, projetos, bases de dados ou sistemas de informação e pesquisa sendo submetidas a avaliação e acompanhamento. Pfeiffer (2011) acrescenta que as políticas públicas podem ser alteradas, ou não, de acordo com as gestões de cada governo e além de tudo podem ser interpretadas e projetadas de modos diferentes de acordo com a teoria que as analisam.

Não é objetivo deste trabalho discorrer e aprofundar, a discussão sobre as diferentes possibilidades teóricas de se analisar o conceito de políticas públicas, entretanto é importante saber que as políticas públicas têm relação direta com as políticas educacionais. Conforme Azevedo (2004), a dinâmica que se pode compreender neste campo de conhecimento sobre políticas educacionais como políticas públicas é resultado de graves problemas que cercam a educação como prática social. A autora afirma que as inadequações das políticas educacionais como políticas públicas estão sendo postas em ação para equacioná-las. Observa-se, como destaca Souza (2010), que as reivindicações de professores em ações coletivas em relação às contradições das políticas públicas, quando não conseguem canalizar essas críticas, vêm causando adoecimento e sofrimento nos docentes, pois não estão mais encontrando apoio nos movimentos sindicais.

De acordo com Souza (2010) o quadro educacional brasileiro apresenta mudanças e inserções de políticas educacionais que assumiram um ritmo bastante acelerado. Por esse motivo é fundamental conhecer os princípios das políticas públicas em educação. Como afirma a autora, o professor pouco tem participado no processo de discussões sobre planejamento e implantações das políticas públicas no plano da reforma educacional. Na maioria das vezes, as reformas educacionais são gestadas pelos dirigentes de ensino e pelo *staff* da secretaria da educação, supervisores e diretores, que geralmente desconsideram a participação ampla dos professores. Geralmente as propostas implementadas não estão presentes em discussões democráticas e coletivas. Souza (2010) esclarece que este tipo de proposta é decretado como um padrão a ser seguido, permitindo a manutenção de

uma relação política e pedagógica de subalternidade entre os órgãos gestores e professores.

De acordo com a mesma autora, observa-se claramente esta relação:

Portanto constata-se nas políticas públicas uma ausência de mecanismos que possam considerar a experiência e a história profissional e política daqueles que fazem o dia a dia da escola, que lutam para sua construção, que optaram pela educação enquanto projeto político emancipatório, considerando as particularidades de bairros, municípios e contextos sociais. (SOUZA, 2010, p.139)

As políticas públicas propostas pelos órgãos governamentais não apresentam leis que reconheçam a luta e a história de profissionais que trabalham na área da educação. A mesma autora enfatiza que a maior parte da resistência dos professores com relação a essas políticas ocorre por que estes profissionais verificam no seu cotidiano a falta de investimento na escola, na formação de alunos e professores e em outras atividades que auxiliariam o apoio logístico ao trabalho pedagógico.

De acordo com Souza (2010, p. 132),

Os Estados e Municípios mantêm-se com a prerrogativa de estabelecer políticas públicas em educação que de fato atendam ao diagnóstico das especificidades regionais identificando as demandas sociais, criando alternativas para enfrentamento das necessidades e sendo obrigados a aplicar percentuais de investimento mínimo nessa área.

No contexto do município investigado existe a falta de políticas públicas específicas para a disciplina dificultando os trabalhos, planejamentos e projetos consistentes para a área.

1.3 POLÍTICAS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

De acordo com Rajagopalan (2013), em nosso país, a política linguística está sempre presente, tanto no ensino da Língua materna como no de Línguas Estrangeiras, influenciando as políticas educacionais. Como o foco deste trabalho está nas percepções de professores e gestores sobre o ensino-aprendizagem de

Língua Inglesa, procuro, nesta seção, discorrer brevemente sobre políticas linguísticas no ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira.

É senso comum o fato de que, no mundo globalizado, conhecer um pouco da Língua Inglesa significa ter melhores oportunidades de estudo e de trabalho. Para as crianças, de modo particular, a Língua Inglesa está presentes nas músicas, filmes, jogos enfim em uma infinidade de atividades, pois esta Língua é a que mais circula no mundo. Oportunizar a aprendizagem da Língua Inglesa para as crianças é uma forma de permitir-lhes acesso não apenas a jogos, à compreensão de músicas e filmes, mas também significa conduzi-las a diferentes possibilidades de estudo e também de trabalho.

No início deste capítulo, buscou-se traçar uma trajetória sobre o ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil. Nesse percurso, foi possível constatar que o ensino da Língua Inglesa passou por vários momentos diferentes na educação básica brasileira. Se entendermos que as políticas públicas influenciam fortemente as políticas educacionais, e essas, por sua vez, afetam (ou são afetadas) pelas políticas de ensino de Línguas Estrangeiras, compreende-se a concepção de Rajagopalan (2013) quando afirma que o ensino de Línguas está fortemente relacionado às questões geopolíticas, econômicas e sociais de um Estado-nação e as políticas linguísticas por ele adotadas.

Conforme aponta o autor, nas políticas educacionais, em primeiro lugar, estão sendo atendidos os interesses nacionais, e dentre eles a política do ensino de Línguas.

De acordo com Rajagopalan (2013) as políticas linguísticas devem ser planejadas e elaboradas pensando na maioria da população brasileira. Ele também destaca que é preciso pensar no coletivo, os professores devem ensinar inglês para que os alunos dominem a Língua e não fiquem apenas no encanto do idioma. Conforme ele afirma, “O grande desafio é ajudar os aprendizes a dominarem a Língua sem serem dominados por ela.” (RAJAGOPALAN, 2005a, p.159)

Seguindo essa mesma linha, Santos (2005) afirma que nas escolas brasileiras o ensino de Línguas é fortemente relacionado às questões políticas e ideológicas, que nem sempre são perceptíveis a todos que se encontram envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Nesse sentido, o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira, quando inserido entre as várias disciplinas curriculares, faz parte da construção da cidadania

do aluno, oferecendo a oportunidade para que o indivíduo possa ser desenvolvido integralmente. Assim, conforme indica Villani (2013, p. 14) “a importância de uma LE desde o início do processo de escolarização é nítida nas escolas para auxiliar a construção de uma sociedade livre de preconceitos e o conhecimento de outras Línguas, costumes e principalmente outras culturas”.

São poucos os trabalhos que têm como foco o ensino de Língua Inglesa para crianças na educação básica pública no Brasil. Gimenez (2013), por exemplo, desenvolveu uma pesquisa denominada “A ausência de políticas para o ensino da Língua Inglesa nos anos iniciais de escolarização no Brasil.” Seu trabalho está fundamentado nos trabalhos de Ball (1994) e Mainardes (2006),

Nas palavras da autora, ela procurou:

[...] tecer considerações sobre o papel das políticas no bojo da inserção da Língua Inglesa nos anos iniciais de escolarização, por ser este um movimento ainda carente de regulamentação, porém com importantes consequências para as trajetórias de aprendizagem de Línguas Estrangeiras em nosso país.

Ball (1994 *apud* GIMENEZ, 2013) faz uso de um modelo de análise que leva em conta três fatores: o contexto de influências, em que se produzem os discursos que definem as bases da política; o contexto de produção de textos, textos esses que tencionam representar a política em uma linguagem sintonizada com o público-alvo; e o contexto das práticas, em que ações específicas são praticadas sem que se considerem os textos mencionados.

Gimenez (2013) deixa claro que, de acordo com Ball (1994 *apud* GIMENEZ, 2013), os três contextos estão interligados entre si, sendo necessário à comunidade acadêmica assumir um papel mais ativo nos contextos apresentados. Os atores que estão em alta nesse processo, em razão da falta de orientações para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira e das lacunas nas políticas públicas, são o mercado, a mídia, a comunidade acadêmica e o poder público; segundo Gimenez (2013), este vem omitindo-se em relação ao ensino de Inglês. Conforme já exposto neste trabalho, a trajetória do o ensino de Língua Inglesa no Brasil passou por momentos bastante diversos. Atualmente, na educação pública, a Língua Inglesa é considerada obrigatória no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Na Educação Infantil e também no Ensino Fundamental I, o ensino da Língua Estrangeira é

facultativo. Encontramos, durante a elaboração de nossa pesquisa, alguns municípios que possuem diretrizes curriculares claras para o ensino da Língua Inglesa nas séries iniciais.

Por exemplo, no município de Campinas, foram implantadas, nos anos iniciais, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2011, p.146) para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira.

O documento esclarece o seguinte:

Para que o processo de ensino aprendizagem de Línguas Estrangeiras seja implementado com sucesso nos anos iniciais, é fundamental que seja desenvolvido a partir de objetivos e embasamentos teóricos metodológicos claros e bem definidos, contando também com: infraestrutura adequada de recursos (laboratório de informática em rede, DVD, livros, etc.); garantia de tempo de formação para os professores de Língua Inglesa da Rede Municipal em LEC – Língua Estrangeira para Crianças; momentos de integração com os professores polivalentes e tempos pedagógicos destinados a esse propósito; garantia de carga horária de duas aulas semanais em cada ano dos ciclos I e II.

Observa-se, pelo trecho acima, que as diretrizes curriculares do município procuram nortear o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa tanto no que diz respeito à infraestrutura quanto no que se refere à formação docente e à carga horária disponível para as aulas. Ou seja, existem políticas educacionais públicas claras, estabelecidas para nortear o ensino da Língua Inglesa desde as séries iniciais. Resta saber, no entanto, se houve, conforme destacado anteriormente por Souza (2010), participação da comunidade docente na elaboração dessas diretrizes.

Mello (2013), por sua vez, acrescenta que em Rolândia município, situado no norte do Paraná, o projeto inicial de Ensino de Língua Inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal transformou-se em lei, que institui o ensino de Língua Inglesa nas escolas pertencentes à rede municipal. Essa lei, votada em 20 de outubro de 2010, instituiu a inclusão da disciplina de Língua Inglesa na rede municipal de ensino (1º ao 5º ano) no ensino fundamental I, em princípio num formato experimental, tendo prioridade sobre as turmas de educação infantil. Nas escolas da rede municipal de Rolândia as aulas de Língua Inglesa como Língua Estrangeira são amparadas por legislação, ou seja, através de um projeto piloto. Nas discussões e análise sobre políticas, mostra o quanto o ensino de Língua Inglesa para crianças colaboraram para a compreensão das relações entre Língua Inglesa e

globalização, uma vez que as práticas de ensino de Língua Inglesa para criança, influenciaram a política educacional de Rolândia, permitindo que essa pesquisa ofereça reflexões e informações sobre como foi implantado o ensino de Língua Inglesa no ensino fundamental I.

Na próxima seção, é interessante observar, em documentos oficiais, como se percebe e se direciona o ensino da Língua Inglesa na educação brasileira, em particular, no Ensino Fundamental I e na Educação Básica. E é sobre isso que trata a próxima seção.

1.4 DOCUMENTOS OFICIAIS

Existem documentos oficiais e diretrizes que amparam e fundamentam a educação, inclusive no que diz respeito ao ensino e à inclusão da Língua Estrangeira.

Atualmente, com a medida provisória n.º 746, de 22 de setembro de 2016, o parágrafo 5.º do art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 dispõe da seguinte redação: “§ 5.º No currículo do Ensino Fundamental, será ofertada a LI a partir do sexto ano”.

Conforme se pode observar, a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira é obrigatória a partir do 6.º ano. De acordo com a indicação de Rocha (2006), fica a critério de cada município implantá-lo, ou não, nas séries iniciais do Ensino Fundamental I ou na Educação Infantil. Por sua vez, para aumentar ou diminuir a carga horária, deixá-la a escolha da comunidade, adotar um método ou um material específico para o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças, enfim tudo perpassa por decisões políticas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (1998) explicam que os critérios para inclusão de uma Língua Estrangeira no currículo são os fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais, fatores relativos à tradição. Os PCN-LE foram elaborados para auxiliar e nortear os professores de Língua Inglesa do Ensino Fundamental II. Como o ensino de Línguas Estrangeiras não é obrigatório na Educação Infantil e nas séries iniciais (Fundamental I), não há diretrizes oficiais para essas séries. Conforme Gimenez (2013) diante da carência de diretrizes para o ensino de Língua Estrangeira nas séries iniciais, o município que, em sua grade

curricular, inclui uma Língua além da materna precisa tomar como base os parâmetros definidos para esse ensino em etapas escolares posteriores. Seguindo a mesma linha, Rocha (2006) afirma que,

A inexistência de parâmetros oficiais específicos para o ensino de Línguas nas séries iniciais do Ensino Fundamental Brasileiro é resultado da inclusão facultativa do mesmo, que, além de sustentar mecanismo de exclusão, não deixa claro quem deve responsabilizar-se por ele, levando à forma desconexa pela qual tal ensino tem-se difundido nas escolas públicas do país. (ROCHA, 2006, p.190).

O município de Paraibuna possui aulas de inglês desde a Educação Infantil, o que leva a entender, ao menos num primeiro momento, a existência de políticas públicas locais na área da educação com vistas ao incentivo do ensino da Língua Inglesa ao longo de todo o Ensino Fundamental I e da Educação Infantil. Assim, na próxima seção serão descritos os documentos norteadores do ensino das escolas da rede municipal de Paraibuna.

1.4.1 Documentos norteadores do ensino das escolas da rede municipal de Paraibuna

Nesta seção sobre os documentos norteadores do ensino de Paraibuna busco explicações sobre o que os documentos prescrevem sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para as crianças do Ensino Fundamental I no município de Paraibuna.

Em 2014, a diretoria da educação da rede municipal de Paraibuna incluiu a Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas séries iniciais (1.º ao 5.º ano) nas partes diversificadas da matriz curricular, tornando-a, assim, uma disciplina obrigatória a ser cursada nas escolas municipais no Ensino Fundamental I.

Conforme se pode observar na Figura 1 abaixo, na matriz curricular da rede das escolas municipais de Paraibuna do Ensino Fundamental I, implantadas para o período de 2014 a 2018, Língua Estrangeira Moderna – inglês consta com carga horária de 200 horas, o que equivale a uma aula por semana com duração de 50 minutos ao longo do ano, semelhante à carga horária anual das disciplinas de história e geografia. A partir de 2014, oficializou as aulas de Língua Inglesa, por sua

vez antes de 2014 havia inglês na matriz curricular, no entanto não era necessário incluir a nota no boletim do aluno, não sendo, portanto, considerada disciplina obrigatória.

Figura 1 - Matriz curricular unificada para o período de 2014 a 2018.

Matriz Curricular Unificada – 2014									
Curso		Duração da aula			Período				
Ensino Fundamental Ciclo I 1.º ao 5.º ano		50 minutos			Diurno/Vespertino				
Autorização dos Cursos: Resolução n.º 226 de 25 de setembro de 1989, Decreto n.º 34.609 de 03 de fevereiro de 1992, Lei n.º 1.843 de 30 de outubro de 1997 e Decreto n.º 1.948 de 05 de maio de 2003.									
Fundamentação Legal: Lei Federal 9.394/96; Lei Federal 11.114/2005; Parecer CNE 18/2005; Resolução CNE 03/2005; Lei Federal 11.274/2006 e Deliberação CEE 73/2005; Resolução CNE/CEB 07/2010 e Deliberação CEE2008.	Disciplinas	Módulo		40 semanas					
		Anos iniciais – 1.º ao 5.º ano					Total e Crédito	Carga Horária	
		2014	2015	2016	2017	2018			
		1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano			
	Base Nacional Comum	Língua Portuguesa	12	10	9	9	9	49	1960
		História	1	1	1	1	1	5	200
		Geografia	1	1	1	1	1	5	200
		Matemática	6	8	8	8	8	38	1520
		Ciências Fís. e Biológicas	1	1	2	2	2	8	320
		Artes	2	2	2	2	2	10	400
Educação Física		2	2	2	2	2	10	400	
Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna – Inglês	1	1	1	1	1	5	200	
Total de aulas semanais		26	26	26	26	26	130	5200	
Total da Carga Horária		1040	1040	1040	1040	1040	5200	5200	
Observação: Critérios de matrícula relativos à idade cronológica de admissão no Ensino Fundamental, conforme Deliberação CEE 73/2008.									

Fonte: Plano de gestão da rede das escolas municipais de Paraibuna

Como as diretrizes municipais de educação definem que seja ofertada a disciplina de Língua Inglesa nos primeiros cinco anos do Ensino Fundamental I, faz-se necessário compreender o que estabelece o Projeto Político Pedagógico (PPP) do município no que se refere ao ensino de Línguas Estrangeiras. O Projeto Político

Pedagógico das escolas de Paraibuna foi construído coletivamente por todos os envolvidos com a educação no município: diretores, coordenadores, professores, colaboradores. Tal procedimento corrobora o que diz Veiga (1998, p. 2) ao afirmar que o Projeto Político Pedagógico deve ser construído coletivamente e vivenciado em todos os momentos por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

Embora o Projeto Político Pedagógico do município não faça menção direta ao ensino de Línguas Estrangeiras modernas, encontramos no documento a visão de que escolas municipais de Paraibuna devem procurar formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, ampliando suas habilidades, capacidades e competências contribuindo para sua formação intelectual e social. Tal concepção vai ao encontro do que diz Villani (2013), quando, explica que um dos fatores para acabar com a discriminação em nosso país é oferecer também às crianças da rede pública o acesso de pelo menos uma Língua Estrangeira do infantil às séries iniciais do Ensino Fundamental I. O mesmo autor deixa claro que não há nada mais globalizante que possibilitar a inserção de uma Língua Estrangeira na sociedade do século XXI. O ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira quando inserida entre as várias disciplinas curriculares faz parte da construção da cidadania do aluno, oferecendo a oportunidade para que o indivíduo possa ser desenvolvido integralmente.

A única menção ao ensino de Línguas Estrangeiras que encontramos no Plano Municipal de Educação foi a seguinte:

Meta 6- Já a partir de 2016, em havendo recursos, espaço físico disponível e profissionais para realizar atividades com os alunos, as escolas deverão oferecer aos estudantes educação em tempo integral.
Garantir transporte para que o aluno faça uso da sala de recurso ou laboratório em período integral.
Garantir transporte para que o aluno faça uso da sala de recurso ou laboratório em período contrário.
Ampliação progressiva da jornada de professores em uma única escola.
Instalação de cursos de informática nas escolas e até mesmo de línguas.
[...] (PLANO MUNICIPAL DA EDUCACAO DA REDE DAS ESCOLAS DE PARAIBUNA- 2016)

Constata-se, portanto, que, embora a disciplina “Língua Estrangeira moderna – Inglês” conste na carga horária anual a partir da Primeira Série do Ensino Fundamental I, nos documentos norteadores da educação da cidade, diferentemente

do que ocorre nos municípios de Campinas e de Rolândia, citados na seção anterior, o detalhamento sobre o ensino de Língua Estrangeira mal aparece e, no caso do Ensino Infantil, é completamente nula.

Assim, encerro a seção sobre os documentos norteadores de Paraibuna e começo uma nova seção, sobre as percepções sobre ensinar e aprender Língua Inglesa como Língua Estrangeira para Crianças no Brasil.

1.5 ENSINAR E APRENDER LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA CRIANÇAS NO BRASIL

No Brasil, o ensino de Língua Estrangeira para crianças mostra-se uma área em grande expansão. Segundo Rocha (2007), no setor público tem aumentado iniciativas de implantação do ensino de Línguas nos anos iniciais da Educação básica, embora seja uma disciplina de caráter optativo na matriz curricular do Ensino Fundamental I.

Conforme apontam GARTON *et. al.*, 2011 *apud* GIMENEZ, 2013, p. 204 o interesse pela oferta da Língua Inglesa como disciplina curricular obrigatória na escola primária é uma tendência que, em geral, vem sendo atribuída a três conjuntos de fatores:

1. A crença generalizada de que quanto mais cedo se aprender uma Língua Estrangeira, melhor;
2. Como resposta às demandas da globalização econômica que tem forçado países a propor projetos para o aprendizado de inglês como forma de demonstrar qualificação de sua força de trabalho. Na América do Sul, Chile e Colômbia são exemplos dessas iniciativas;
3. A pressão dos pais que esperam ver seus filhos se beneficiando social e economicamente ao competirem em vantagem no mercado de trabalho (GARTON *et.al.*, 2011 *apud* GIMENEZ, 2013, p. 204).

Ornellas (2010) afirma que as escolas da rede pública não têm obrigação de oferecer a disciplina de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental I e que são poucas as prefeituras que incluem a disciplina na grade curricular.

Ao buscar livros e dissertações no Brasil que pudessem contribuir para minha pesquisa, constatei que o número de pesquisas desenvolvidas na área de ensino-aprendizagem de inglês para crianças não tem acompanhado esse crescimento.

Tendo a referida área como foco, apresento um mapeamento inicial de trabalhos sobre o ensino aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças viabilizando um estudo e um diálogo explícito entre os pesquisadores e profissionais atuantes neste contexto.

Scheiffer (2010) afirma que no contexto educacional brasileiro o ensino aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças está sendo introduzido cada vez mais cedo devido à globalização e aos efeitos culturais e linguísticos presentes em toda sociedade. Rajagopalan (2010) explica que para que a criança aprenda uma Língua Estrangeira é preciso esgotar qualquer sinal ou sensação de estranheza que ela possa provocar no aprendiz de primeiro contato. A criança só domina uma segunda Língua domando-a, trazendo-a para dentro do seu repertório linguístico. Segundo o autor, é aí que se encontra o verdadeiro sentido da aprendizagem. Santos (2010) em sua pesquisa intitulada “Presença da LE na sociedade e em contexto de ensino regular público” mostra um estudo sobre a oferta e ensino da Língua Inglesa em anos iniciais do ensino fundamental em um contexto regular público realizado com cinco docentes na rede das escolas municipais no norte do Mato Grosso, onde participam de um projeto de extensão intitulado Nepali- núcleos de professores de artes e Língua Inglesa com foco no desenvolvimento de um programa de formação continuada com intuito de aprimorar os trabalhos na área. A mesma autora explica que a Língua Inglesa é oferecida em dezenove escolas e cerca de sessenta professores atuam na área. Os cursos de Letras e pedagogia não oferecem formação adequada para atuarem nos anos iniciais. Esse projeto tem como objetivo reconhecer as necessidades dos professores de Língua Inglesa na rede municipal do Mato Grosso para ação de uma ação pedagógica em busca de aprimoramento do ensino aprendizagem na área de Língua Estrangeira e Língua Estrangeira para crianças. As professoras desta rede municipal de ensino são defensoras de um ensino público de qualidade, elas enfatizam que políticas públicas são necessárias para que o ensino seja ofertado a todos tanto nas escolas privadas quanto nas escolas públicas. Ainda de acordo com ela, as professoras pesquisadas salientam que:

[...] no que concerne a escola, primeiramente, é necessário que haja um entendimento de que a LI é tão importante quanto as demais disciplinas; em seguida, investimentos em materiais didáticos para o desenvolvimento das aulas e viabilização da participação dos docentes em eventos concernentes a sua área de atuação (SANTOS, 2010, p.163)

Os resultados esclarecem que na percepção dos docentes participantes da pesquisa sobre a oferta do ensino de Língua Inglesa para crianças em defesa da inclusão no ensino fundamental I esclarecem que é necessário o apoio do contexto escolar e do sistema governamental para implementar o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para criança e um ensino significativo precisa da definição de objetivos, pois as condições que o ensino é ministrado apresenta-se de maneira descabidas e insustentáveis para que se obtenha um resultado e um trabalho de qualidade.

Rocha (2007) em sua pesquisa intitulada “O ensino de Línguas para crianças no contexto educacional brasileiro: breves reflexões e possíveis provisões” apresenta um estudo sobre o papel da aprendizagem de uma Língua Estrangeira por crianças nos ciclos I e II do ensino fundamental, aborda o papel formativo desse ensino e a inclusão obrigatória do mesmo nas séries iniciais do ensino fundamental público que apesar de facultativo encontra-se em grande expansão no setor público. O resultado dessa pesquisa defende que as crianças têm o direito de uma educação que as torne cidadã do mundo. Por sua vez, a autora enfatiza que precisamos auxilia-las a fortalecer sua identidade e a construir uma realidade melhor de forma digna e responsável com objetivos reais e luta constante por políticas públicas que visem uma sociedade igualitária e justa. Rocha (2007, p.281) salienta que “é essencial que se invista tempo, recursos, pesquisas, planejamentos, formação e preparação de materiais adequados, afim que se obtenha sucesso na área de ensino aprendizagem de LEC”.

No ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças, os itens analisados acima pela autora são realmente fundamentais para alcançar os objetivos satisfatórios, utilizados e almejados nas aulas para o ensino aprendido efetivo do idioma, porém isso não aparece no contexto investigado.

Figueira (2010) relata em seu artigo “O envolvimento de crianças na aula de Língua Estrangeira” que para descrever o envolvimento das crianças entre oito e dez anos já alfabetizadas o processo de aprendizagem realizou um estudo de caso em

sala de aula em uma turma de Língua Inglesa dentro de uma escola de idiomas, aplicou questionário para os alunos com o objetivo de identificar quais prazeres e desprazeres existiam durante as aulas. As atividades lúdicas foram as preferidas por todas as crianças seguindo por atividades envolvendo música, já as atividades de escritas e de repetições orais foram rejeitadas pelos alunos.

Nas escolas da rede municipal de Paraibuna nas aulas de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças nas séries iniciais, as atividades lúdicas são sempre as escolhidas, principalmente as que envolvem música já as atividades de escrita são rejeitadas. Scaffaro (2010) a autora conduziu uma pesquisa sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira com crianças não alfabetizadas, intitulada “O uso da atividade de contar histórias como recurso na retenção de vocabulário novo na Língua Inglesa com crianças na fase pré-escolar.” A pesquisa está centrada na atividade de contar histórias em Língua Estrangeira para crianças observando se tal prática auxilia na aprendizagem de vocabulário novo em inglês. O experimento teve como objetivo comparar duas condições de ensino de vocabulário, uma condição de ensino implícito e uma condição de ensino explícito. A autora chamou o primeiro grupo de implícito e o outro grupo de explícito, fez comparação entre os dois grupos, o grupo implícito, onde as crianças tinham contato com o vocabulário novo por meio de narração oral da história; e outro grupo explícito, onde as mesmas palavras foram ensinadas uma a uma de modo mais explícito, através de jogos e outras atividades dirigidas, feitas com a intervenção didática centrada na atividade de contar histórias em Língua Estrangeira para crianças. O resultado foi que as atividades no grupo explícito proporcionaram uma melhor aprendizagem das palavras-alvo, constatado que através dessas atividades o aluno pode interagir, brincar e manusear de forma lúdica, garantindo uma melhor retenção de vocabulário novo no aprendizado da Língua Inglesa como Língua Estrangeira, mas a autora completa que não pode desconsiderar o recurso de contar histórias, pois também tiveram bons resultados. Essa questão colocada por Scaffaro (2010) vai ao encontro ao que diz Tonelli (2007) em sua pesquisa intitulada “Histórias infantis no ensino da Língua Inglesa para crianças” propõe que a Língua Inglesa seja ensinada por meio de histórias infantis, através de história de livros, onde o professor mostra as palavras e os desenhos enquanto lê, possibilita a criança associar o som e o símbolo. Eles são excelentes para desenvolver um bom trabalho com crianças dessa faixa etária, onde o professor mostra o desenho e pronuncia a palavra em inglês,

associando o desenho ao seu significado. Os resultados mostram que a leitura desenvolvida através do contexto das histórias infantis exploradas em sala de aula contribui para o ensino aprendizagem de inglês para crianças.

Rajagopalan (2013) observa que a presença desta Língua Estrangeira no Brasil não é novidade para qualquer pessoa que tenha o mínimo de conhecimento a respeito do país e de sua história recente. Para o autor, a percepção da Língua Inglesa enquanto ferramenta do mundo globalizado é um passaporte para o sucesso profissional levando a melhores oportunidades de trabalho. Celani (1997) explica que em relação ao ensino de Línguas os objetivos claros e bem definidos clareza de propósito sejam possíveis de serem atingidos, tais objetivos devem decorrer da função social da Língua Estrangeira em relação aos alunos em questão, na construção da cidadania e da formação do indivíduo. A autora esclarece que devemos levar em consideração o nosso aluno brasileiro afinal é para eles que o ensino aprendizagem da Língua Estrangeira, suas necessidades, desejos, o uso que poderá fazer da Língua no trabalho, nos estudos; talvez isso possa evitar o fracasso na aprendizagem de Línguas na escola pública e a falsa ideia de que a Língua Estrangeira só se aprende fora da escola.

São vários os autores que afirmam que a oferta da Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas escolas públicas deve ser oferecida a todos sem distinção de classe social. (SANTOS, 2010; MELLO, 2013; VILLANI, 2013)

Conforme diz Rocha (2008),

As crianças precisam ter igualdade de oportunidades para se inserirem na sociedade, do qual, aliás, de alguma forma, diariamente, já recebem input em outras Línguas, principalmente em LI; por isso espera-se que o ensino ofertado funcione satisfatoriamente. (ROCHA, 2008, p. 155)

Ou seja, a simples oferta não garante um ensino de qualidade, no contexto regular público, é fundamental que o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças seja um ensino significativo para que seja útil no presente e não somente no futuro.

No que diz respeito ao o quê se ensinar às crianças nas séries iniciais, Couceiro- Figueira; Serra, P. (2010) acredita que no início da escolarização o ensino de uma Língua Estrangeira é extremamente importante usar termos comunicativos para concretizar o que o aluno está aprendendo. Trabalhar as habilidades orais dos

alunos, por meio da utilização de recursos visuais é permitir que as crianças entrem em contato com a Língua Estrangeira de forma contextualizada e significativa.

Após ter apresentado e discutido questões relativas sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças, encerro esta seção sobre o ensino e aprendizagem para crianças. Encerro a fundamentação teórica e no próximo capítulo apresento os procedimentos metodológicos que norteiam o estudo de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no município de Paraibuna nas séries iniciais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo destina-se à descrição do suporte metodológico que orientou este estudo. Apresento a definição teórica sobre pesquisa qualitativa. Em seguida apresento o contexto da pesquisa e seus participantes e finalmente os procedimentos e instrumentos de coletas e análise dos dados.

2.1 PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa tem como objetivo entender e interpretar fenômenos sociais fixados em um contexto. O pesquisador encontra-se inserido em um processo com o foco em saber como os indivíduos envolvidos interpretam o processo em questão.

Está pesquisa é qualitativa porque, de acordo com Lira (2014):

Busca a compreensão dos fenômenos e o modo de interpretá-los, não utilizando instrumentos estatísticos para o processo de análise de um problema de pesquisa. Não pretendendo numerar ou medir as variáveis do problema, mas deseja-se entender, de modo bem mais descritivo, o fenômeno social. A pesquisa qualitativa é sempre descritiva, pois as informações que forem obtidas não são quantificadas necessariamente, mas interpretadas. Nesse ato de interpretar, o autor atribui significados aos fenômenos observados e coletados em campo, apoiando-se em teóricos que já estudaram a temática. (LIRA, 2014, p.26)

Conforme aponta o autor, a pesquisa qualitativa é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais. A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia é feita quando o objetivo do estudo é entender o porquê dos fatos.

Bardin (2016) esclarece que a abordagem qualitativa corresponde a um procedimento mais intuitivo, mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. O mesmo autor informa que as hipóteses são formuladas e podem ser influenciadas no decorrer do procedimento por aquilo que o analista compreende na significação da mensagem.

2.2 O CONTEXTO DA PESQUISA

As Escolas municipais de Ensino Fundamental de Paraibuna são mantidas pelo poder público municipal e administradas pela diretoria municipal de educação jurisdicionada à diretoria de ensino região de Taubaté.

A Tabela 1 abaixo sintetiza o contexto no qual este estudo foi conduzido.

Tabela 1 - Escolas da rede municipal de Paraibuna e seus respectivos coordenadores, gestores e professores.

Escolas	Rede Municipal de E.F. I e E.I.	Número de alunos	Localização	Coordenador	Gestores e vice	Número de professores participantes da pesquisa
Escola A	E.F.	751	Urbana	2	2	20
Escola B	E.F. E.I.	63	Rural	0	0	4
Escola C	E.F.	118	Rural	0	1	4
Escola D	E.I.	235	Urbana	0	1	10
Escola E	E.F. E.I.	122	Rural	0	1	9
Escola F	E.F. E.I.	180	Rural	0	1	12
Total		1469	-	2	6	59

Gestor responsável por todas as escolas

Fonte: Dados da pesquisa

A **Escola A**, localizada na zona urbana, da cidade Paraibuna- SP, oferece Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano). É uma das maiores escolas da rede municipal de Paraibuna e a que atende maior número de alunos. Na escola A foram vinte professores regulares de sala participantes da pesquisa.

A **Escola B** está localizada, na zona rural da cidade e dentro dela, além do Ensino Fundamental I, também funciona um Núcleo de educação infantil (NEI). Na unidade escolar foram quatro os professores regulares de sala que participaram da pesquisa. No momento a escola atende 63 alunos. Os dois gestores e os dois coordenadores da Escola A também são responsáveis pela Escola B.

A **Escola C**, de Ensino Fundamental I, está localizada na zona rural da cidade de Paraibuna. Os participantes da pesquisa foram quatro professores regulares de sala e uma gestora.

A **Escola D** está localizada na zona urbana de Paraibuna. Hoje a escola atende 235 alunos, foram dez professores participantes da pesquisa e uma gestora.

A **Escola E**, fica localizada na área rural de Paraibuna em uma região de relevo que fica a trinta e dois quilômetros de distância do centro da cidade. A unidade escolar está com 122 alunos, nove professores e uma gestora participaram da pesquisa. A E.M.E.I.E.F. tem 9 salas de aula sendo duas fora da escola ao lado de um mercadinho. Ela conta também com uma escola vinculada a E.M.E.F. e N.E.I., que possui duas salas multisseriadas.

A **Escola F** está localizada na área rural. A escola atende 180 alunos. Na unidade escolar participaram onze professores regulares de sala, professora de Língua Inglesa, totalizando doze professores e uma gestora.

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa são gestores, coordenadoras, professores regulares de sala e professores de Língua Inglesa, conforme mostra a Tabela 2 abaixo.

É importante destacar que, além de mim, existem mais dois professores de inglês no município, mas apenas uma das professoras concordou em participar desta pesquisa. O meu papel foi o de pesquisadora, portanto não participei da coleta de dados.

Tabela 2 - Número de participantes desta pesquisa categorizados.

Categoria	Número de participantes
Gestores	9
Professores de sala	58
Professores de Língua Inglesa	1
Total	68

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme exposto na seção 2.2, o município de Paraibuna conta com 6 escolas participantes da pesquisa que são Ensino Fundamental I e Educação Infantil. Apenas a Escola D é exclusivamente de Educação infantil e a Escola A e Escola C são exclusivamente Ensino Fundamental I. As outras três Escolas são Ensino Fundamental I e Educação Infantil. Participaram desta pesquisa 59 professores, 9 gestores e 6 escolas, conforme mostra o Quadro 1:

Quadro 1 - Participantes da pesquisa.

ESCOLAS	GESTORES	PROF REG. SALA	PROF.INGLES
Escola A	I, II, III, IV	1- 20	59
Escola B	I, II, III, IV	21-24	
Escola C	V	25-28	
Escola D	VI	29-38	
Escola E	VII	39-47	
Escola F	VIII	48-58	
Responsável por todas as escolas- Gestor IX			

Fonte: a autora

Para preservar a identidade dos participantes, foram atribuídos a cada um deles um número ou letra. As Escolas foram identificadas por letras (A – F); os gestores, por algarismos romanos (I – IX), e os professores, por números arábicos (1- 59).

2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos de coletas de dados:

- a) Questionário para os gestores (supervisor, diretores, coordenadores) – Apêndice A
- b) Questionário para os professores regulares de sala - Apêndice B
- c) Questionário para professores de Língua Inglesa - Apêndice C

Pereira (2012) define que o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído de uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito sem a presença do entrevistador. Segundo ele “Questionário é um instrumento no qual estão contidas elenco de perguntas organizadas, que devem ser respondidas por escrito pelo entrevistado, tendo como objetivo adquirir informações sobre objetivo em estudo”. Pereira (2012, p.166) também esclarece as vantagens e desvantagens dos questionários. As vantagens segundo ele são inúmeras, pois possibilita a participação de um grande número de pessoas, garante o anonimato nas respostas e não expõe as pessoas às influências da opinião do pesquisador. Em relação às desvantagens, envolve um número pequeno de perguntas e impede o auxílio do entrevistado quanto ao surgimento de dúvidas.

Segundo Nunan (1992), quando um questionário é elaborado, podem-se fazer questões abertas ou fechadas. O participante pode se expressar com mais liberdade

nas questões abertas, enquanto nas questões fechadas, as respostas podem ser delimitadas, sendo oferecidas opções para o participante. Além disso, deve-se observar, conforme aponta Pereira (2012) que a preocupação com relação a elaboração do questionário é fundamental, principalmente no que tange ao conteúdo, a clareza em relação a apresentação das questões, ao vocabulário empregado. O autor completa que é preciso evitar perguntas que induzam a resposta e que seja empregado uma linguagem acessível, objetiva e clara. Nessa mesma direção, ele também explica que as perguntas em geral são classificadas em três categorias abertas, fechadas e de múltipla escolha. O autor esclarece que as perguntas abertas permitem a realização de investigações mais profundas e precisas enquanto que as fechadas são aquelas que o informante escolhe suas respostas entre duas opções- sim ou não- facilitando o trabalho do pesquisador pois as respostas são mais objetivas. Já as perguntas de múltipla escolha são as que apresentam uma série de possíveis respostas abrangendo partes do mesmo assunto.

Os questionários utilizados nesta pesquisa (Apêndices A, B e C) contêm perguntas dos três tipos. O questionário dos gestores contém duas perguntas abertas e uma pergunta fechada. O questionário dos professores de sala contém duas perguntas abertas e uma pergunta fechada. Já no questionário do professor de inglês há duas perguntas abertas e uma pergunta fechada.

2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

As informações obtidas foram analisadas de acordo com os pressupostos teóricos da análise de conteúdo de Bardin (2016).

O propósito em utilizar esse instrumento de análise foi o de interpretar as respostas dos participantes da pesquisa do texto escrito. A análise de conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investir nos conteúdos das respostas dos participantes a partir de inferências no texto.

A análise do conteúdo, segundo Bardin (2016), permite um exame quantitativo e qualitativo dos dados com o compromisso de investigar as informações verbalizadas pelos sujeitos de pesquisa. A mesma autora esclarece que na análise quantitativa o que serve de informação é a frequência com que surgem certas

características do conteúdo ou de um conjunto de características de um determinado fragmento de mensagem que é trocado em consideração.

Bardin (2016) alerta o analista sobre a importância em não projetar a sua própria subjetividade na análise de conteúdo a fim de elaborar uma. O propósito é, segundo a autora, elaborar uma investigação isenta e verdadeira que reflita a subjetividade do sujeito de pesquisa. Dessa maneira, o analista pode construir uma compreensão profunda do conteúdo da mensagem analisada. Logo, a fim de assegurar isenção e efetividade na análise de conteúdo, mantivemos o foco da análise na investigação, para assim, não nos enredarmos por uma visão estreita do assunto.

Bardin (2016, p.41) esclarece que a análise de conteúdo pode ser uma análise de significados constituindo uma primeira fase do procedimento. A autora acrescenta que em relação ao nível dos significados, o analista deve anotar a frequência dos termos ou temas relacionados ao assunto no vocabulário do sujeito.

Mediante a contextualização dos sujeitos de pesquisa e a abordagem metodológica descrita, ressalto que o objetivo geral deste estudo são as percepções dos gestores, professores regulares de sala e da professora de inglês sobre o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas séries iniciais no município de Paraibuna.

Para Bardin (2016, p. 50) “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça.” Ela explica que o analista é considerado aquele que delimita as unidades de codificação ou as de registro e completa que o material ou código podem ser (tema, palavra, frase, etc.) esse tipo de análise é denominado análise categorial.

Bardin (2016, p. 147) define que: “categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.”

A autora esclarece que o critério de categorização pode ser semântico, sintático, léxico e expressivo. O critério semântico é uma categoria por temas, exemplo: todos os temas que significam “desenvolvimento da oralidade”, como o objetivo da pesquisa é compreender a percepção dos gestores, professores regulares de sala e professoras de inglês sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas séries iniciais, ficam agrupados sob o título conceitual

“produção oral”. O critério sintático são os verbos e os adjetivos. O critério léxico é a classificação das palavras segundo o seu sentido, sentidos próximos e o critério expressivo são as categorias que classificam as perturbações da linguagem. O sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, as questões do analista e corresponder às características das mensagens. As próximas etapas deste trabalho serão realizadas a partir dos dados obtidos e das inferências das respostas dos participantes da pesquisa.

3 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo traz a análise dos dados coletados com o objetivo de responder as perguntas de pesquisa que são: Como se percebe o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I e na Educação Infantil no município de Paraibuna.

- a) na visão dos gestores (supervisor, diretores e coordenadores)
- b) na visão dos professores regulares de sala
- c) na visão das professoras de inglês

A análise de dados foi organizada em três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferências e a interpretação.

Como explica Bardin (2016), a pré-análise é a organização dos documentos consiste da leitura “flutuante” que busca estabelecer contato com o material, conhecer o texto; isso faz com que aos poucos a leitura dos dados vá se tornando mais precisa.

Após a leitura flutuante dos documentos, no caso específico desta pesquisa, dos questionários, foram estabelecidas as categorias que abrigam os conteúdos das respostas. Bardin (2016) explica que o método das categorias é uma espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem.

Os resultados da pesquisa estão sendo apresentados abaixo conforme cada pergunta dos questionários aplicados aos participantes da pesquisa.

Primeiramente serão apresentadas e discutidas as respostas dadas pelos gestores das escolas; em seguida, serão apresentadas as respostas dos professores de área; finalmente, serão apresentadas e discutidas as respostas dadas pela professora de Língua Inglesa.

3.1 OS GESTORES

As respostas às perguntas formuladas aos gestores (Apêndice A) serão apresentadas na ordem apresentada a seguir no Quadro 2:

Quadro 2 - Ordem de apresentação das respostas dos gestores.

3.1.1 Critérios para a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil
3.1.2 Critérios para a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I
3.1.3. Diretrizes para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Projeto Político Pedagógico
3.1.4. Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores de Língua Inglesa
3.1.5. Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil
3.1.6. Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental I
3.1.7. Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa
3.1.8. Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Infantil na disciplina de Língua Inglesa

Fonte: a autora

3.1.1 Critérios para a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil

Conforme apresentado no Capítulo 1 deste trabalho, Rocha (2006) explica que a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na educação infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental I não é mais um diferencial nas escolas bilíngues e particulares, e que apesar do caráter facultativo, agora está em grande expansão no setor público também. Observa-se no Quadro 3, no entanto, que não há convergência nas respostas dadas pelos gestores. Para a primeira pergunta do questionário “Quais foram os critérios para incluir a Língua Inglesa no currículo do ensino infantil?”, as justificativas apontadas por eles fizeram emergir três categorias: completar a carga horária; preparar para a vida; e critérios desconhecidos.

Quadro 3 - Critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil.

Critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil		
Completar carga horária de professores	Preparar para a vida	Critérios desconhecidos
Na rede municipal, tem profissionais habilitados e com carga horária disponível. (Gestor I – Escola A)	Ampliar o conhecimento das crianças. (Gestor I - Escola A)	Desconheço os critérios utilizados. (Gestor VIII - Escola F)
Como temos professores efetivos algumas aulas são atribuídas para completar a carga horária do professor. (Gestor II- Escola A)	Sendo a Língua Inglesa de grande importância no mundo atual e, pensando em uma educação que prepara a vida fora dos muros da escola, a equipe pedagógica decidiu inserir a Língua Inglesa no currículo da educação infantil. (Gestor VI – Escola D)	
Para completar a carga horária da professora, pois os professores concursados têm uma jornada a cumprir. (Gestor III- Escola A)	Ampliar conhecimento para a vida e convívio social. (Gestor VII- Escola E)	
	Para que os pequenos já tivessem contato com outra Língua. (Gestor IX)	

Fonte: a autora.

A categoria “completar carga horária de professores” surge quando os gestores afirmam desconhecer critérios para a inclusão da Língua Inglesa no currículo da Educação Infantil, ou então quando afirmam que o critério está relacionado à complementação da carga horária do professor. Observa-se, nessas falas, que o critério, então, parece ser meramente administrativo.

Já quando os gestores indicam a importância de se preparar o aluno, desde a educação infantil, para a vida, por meio de afirmações como: “Sendo a Língua Inglesa de grande importância no mundo atual e, pensando em uma educação que prepara a vida fora dos muros da escola, a equipe pedagógica decidiu inserir a Língua Inglesa no currículo da educação infantil.” (Gestor VI - Escola D) isso traz à tona Scheiffer (2010) quando afirma que no contexto educacional brasileiro o ensino aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças está sendo introduzido cada vez mais cedo devido à globalização e aos efeitos culturais e linguísticos presentes em toda sociedade. Essa percepção, ao menos de alguns dos gestores, sobre a importância de se ofertar o contato com a Língua Inglesa desde a Educação Infantil, mostra que eles têm consciência de que é processo educacional preparar o estudante para a vida, possibilitando-lhes o contato com outra Língua, outra cultura,

oportunizando, assim, uma visão de mundo diferenciada “para fora dos muros da escola” (Gestor VI – Escola D).

3.1.2 Critérios para a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I

Para a pergunta “Quais foram os critérios para incluir a Língua Inglesa no currículo do Ensino Fundamental I?”, a partir das respostas, emergiram quatro categorias, conforme mostra o Quadro 4 a seguir:

Quadro 4 - Critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I.

Critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira Ensino Fundamental I			
Atender a Legislação	Preparar para a vida	Contato com outra Língua	Critérios desconhecidos
Atender a grade curricular. (Gestor I - Escola A)	Para adquirir e construir conhecimento. (Gestor VII - Escola E)	O então diretor queria uma outra Língua no currículo das crianças. (Gestor III - Escola A)	Desconheço. (Gestor V - Escola C)
Está de acordo com a portaria de ensino, digo, da delegacia de ensino. (Gestor II - Escola A)		Para que tenham contato com outra Língua (Gestor IX)	Desconheço os critérios utilizados. (Gestor VIII - Escola F)

Fonte: a autora.

Dos nove gestores, dois não responderam e dois dos gestores disseram desconhecer os critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I. As justificativas apontadas por eles indicam concepções diferentes como mostro a seguir: Enquanto um dos gestores indica que a inclusão da Língua Inglesa se deu para atender a grade curricular, outro gestor informa que está de acordo com a portaria de ensino da delegacia de ensino. Os outros gestores disseram que os critérios para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no ensino fundamental I foram: conhecer outra Língua, adquirir conhecimento, porque a Língua Inglesa é importante e um dos gestores informa que foi para as crianças terem contato com outra Língua, porém só entrou na grade bem mais tarde. O conceito citado pelos participantes desta pesquisa vem ao encontro do que pensam alguns estudiosos. Rocha (2006) enfatiza que o fato de não haver critérios para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças, é devido à

inexistência de parâmetros oficiais específicos para o ensino de Línguas nas séries iniciais do Ensino fundamental I. Essa inclusão facultativa do ensino de Língua Inglesa na grade curricular do Ensino Fundamental I, por sua vez conforme Rocha (2006, p.190) “sustenta o mecanismo de exclusão do ensino, ou seja não deixa claro quem deve se responsabilizar por ele, levando à forma desconexa pela qual tal ensino tem-se difundido nas escolas públicas do país.” O ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas séries iniciais é facultativo, incluir ou não na grade curricular é responsabilidade de cada município, pois ainda não há lei nem parâmetros que regulamentem esse ensino, com isso a rede pública não tem a obrigação de oferecer a disciplina.

Rocha (2006, p.191), esclarece que:

A inexistência de parâmetros oficiais específicos para o ensino de Línguas nas séries iniciais do Ensino Fundamental brasileiro é resultado da inclusão facultativa do mesmo, que, além de sustentar mecanismo de exclusão não deixa claro quem deve responsabilizar-se por ele, levando à forma desconexa pela qual tal ensino tem-se difundido nas escolas públicas do país.

A mesma autora explica que a importância do ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças e o contato com diferentes culturas num mundo globalizado, onde os meios de comunicação e as novas tecnologias estão crescendo é uma tendência onde o processo de aprendizado começa cada vez mais cedo. Villani (2013), por sua vez, explica que não há nada mais globalizante que possibilitar a inserção de uma Língua Estrangeira na sociedade do século XXI. O ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira quando inserida entre as várias disciplinas curriculares faz parte da construção da cidadania do aluno, oferecendo a oportunidade para que o indivíduo possa ser desenvolvido integralmente.

Na matriz curricular da rede das escolas municipais de Paraibuna do Ensino Fundamental I, implantadas para o período de 2014 a 2018, está inclusa a Língua Inglesa como Língua Estrangeira com carga horária de 200 horas, sendo uma aula por semana com duração de 50 minutos, o que é semelhante à carga horária anual das disciplinas de história e geografia. A partir de 2014, a disciplina de Língua Inglesa como Língua Estrangeira foi incluída na grade curricular a partir da 1ª série e começou a ser considerada obrigatória para o município.

A medida provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, o parágrafo 5º do art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 dispõe da seguinte redação: “& 5º No currículo do Ensino Fundamental, será ofertada a Língua Inglesa a partir do sexto ano”.

Há divergência em relação ao que a lei estabelece e o que os gestores percebem. Na legislação, a Língua Inglesa deve ser introduzida a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II, mas de acordo com os gestores da rede das escolas municipais de Paraibuna a diretoria de ensino ofertou a Língua Inglesa como Língua Estrangeira para as crianças e a incluiu na matriz curricular desde 2014 a partir da 1ª série. O que podemos observar na percepção dos gestores sobre os critérios para inclusão do ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental I, é que o ensino foi ofertado para atender a necessidade imposta pela diretoria de ensino, ou seja, para atender as mudanças na grade curricular. Por outro lado, alguns gestores afirmam que os critérios foram para que o aluno tenha contato com a Língua, e possam adquirir conhecimento de uma Língua Estrangeira. Como esclarece Rocha (2006) a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira é obrigatória a partir do 6º ano, ficando a critério do município implantá-lo ou não nas séries iniciais do Ensino Fundamental I ou na educação infantil.

Assim, observa-se que, embora não haja consenso na fala dos gestores, as percepções dos gestores vão ao encontro do que afirma Gimenez (2013) diante da carência de diretrizes para o ensino de Língua Estrangeira nas séries iniciais, o município que, em sua grade curricular inclui uma Língua além da materna precisa tomar como base os parâmetros definidos para esse ensino em etapas escolares posteriores.

3.1.3 Diretrizes para o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Projeto Político Pedagógico

Para a pergunta seguinte do questionário ‘Há diretrizes para o ensino aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira incluso no Projeto Político Pedagógico ?’ o resultado foi o seguinte, apresentado abaixo no Quadro 5:

Quadro 5 - Diretrizes para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Projeto Político Pedagógico.

Diretrizes para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Projeto Político Pedagógico	
Sim	1
Não	7
Desconheço	1
Por quê?	
Eu creio que sim, não me recordo muito bem, mas durante a construção do nosso Projeto Político Pedagógico no município foi construído com todos os professores, gestores e funcionários. Com certeza foi abordado e seguido de acordo com as diretrizes. (Gestor VII – Escola E)	

Fonte: a autora.

Dos gestores participantes da pesquisa sete disseram não haver diretrizes para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira incluso no Projeto Político Pedagógico. Um dos gestores informou que durante a construção do Projeto Político Pedagógico foi incluído o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira de acordo com as diretrizes e um dos gestores não respondeu. Conforme já apresentado na Fundamentação Teórica desta dissertação, seção 1.4.1., o detalhamento sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira pouco aparece no Projeto Político Pedagógico, e no caso do ensino infantil, não há quaisquer diretrizes para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira incluso no Projeto Político Pedagógico. Esse tipo de iniciativa revela que o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira tem sido inserido nas séries iniciais de algumas regiões brasileiras de formas diferentes. Conforme já exposto neste trabalho, a trajetória do o ensino de Língua Inglesa no Brasil passou por momentos bastante diversos. Atualmente, na educação pública, a Língua Inglesa é considerada obrigatória no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Na Educação Infantil e também no Ensino Fundamental I, o ensino da Língua Estrangeira é facultativo. Encontramos, durante a elaboração de nossa pesquisa, alguns municípios que possuem diretrizes curriculares claras para o ensino da Língua Inglesa nas séries iniciais. Conforme apresento na seção 1.4 documentos oficiais, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (1998) foram elaborados para auxiliar e nortear os professores de Língua Inglesa do Ensino Fundamental II. Como o ensino de Línguas Estrangeiras não é obrigatório na Educação Infantil e nas séries iniciais (Fundamental I), não há diretrizes oficiais para essas séries. Por sua vez, para que o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa como Língua

Estrangeira para crianças seja significativo e desenvolvido a partir de objetivos claros com diretrizes curriculares definidas, enfim tudo perpassa por decisões políticas.

As diretrizes para o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças devem ter definição de objetivos que se deseja alcançar para um ensino e aprendizagem significativa nas séries iniciais. Rocha (2008, p.155) aponta que “as crianças têm direito a um ensino significativo, prazeroso e de qualidade que lhes seja útil no presente e não no futuro”. A mesma autora esclarece que a simples oferta não é capaz de lhes garantir isso.

Desta forma, o que se observa é que, apesar da iniciativa municipal de se instituir o ensino de Língua Inglesa desde as séries iniciais, isso não é feito de forma consistente e pedagogicamente orientada às necessidades locais.

Celani (2009) explica que existe um problema sério nas escolas: a falta de importância que os professores das outras disciplinas e os gestores das escolas dão para a disciplina de Língua Estrangeira. Muitos acreditam que ela serve apenas para preencher a carga horária mínima. Às vezes, nem mesmo os próprios professores de Línguas tem noção do quanto à disciplina é importante para a inclusão. No contexto escolar, a inclusão do ensino de Línguas, nem sempre é valorizada. No caso do contexto investigado, embora tenha havido melhoras, ainda não é dada a devida atenção à disciplina, talvez por falta de interesse do poder público e das políticas públicas do local.

3.1.4 Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores da área de Língua Inglesa

A pergunta seguinte do questionário tinha por objetivo verificar a existência (ou não) de oferta de cursos de capacitação e formação continuada para os professores de Língua Inglesa do município. Os gestores foram unânimes ao responder que não há oferta de cursos para os docentes, conforme mostra o Quadro 6 abaixo:

Quadro 6 – Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores de Língua Inglesa (pergunta fechada)

Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores de Língua Inglesa	
Sim	0
Não	9

Fonte: a autora.

As justificativas apresentadas permitiram a observação de quatro categorias, conforme mostra o Quadro 7 a seguir:

Quadro 7 - Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores de Língua Inglesa (pergunta aberta)

Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores de Língua Inglesa			
Atender a Legislação	Capacitação	Poder público	Formação
Atender a grade curricular. (Gestor I- Escola A)	As coordenadoras pedagógicas desta unidade não têm formação em Língua Inglesa e a secretaria da educação não está oferecendo capacitação aos professores. (Gestor III- Escola A)	Não há interesse no poder público. (Gestor VIII- Escola F)	No momento a rede toda está sem formação. (Gestor VII- Escola E)

Fonte: a autora.

Dos nove gestores apenas quatro justificaram a resposta. Um deles disse que não há interesse do poder público e que no momento a rede não tem profissionais para desenvolver a formação continuada e nem está oferecendo curso de capacitação.

As afirmações acima vão ao encontro do que diz Villani (2013), que explica que a falta de ações como fonte de apoio à formação continuada dos professores de Línguas Estrangeiras leva os alunos, principalmente os da escola pública, a experimentarem situações de exclusão, já que não há sentido explícito em aprender uma Língua Estrangeira. Ainda o mesmo autor esclarece que há uma enorme carência de formação teórica e prática para os professores que desejam atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. E ainda afirma que a formação continuada, desde que reflexivamente preparada, pode suprir algumas deficiências adquiridas no período de formação universitária. Villani (2013) explica que é dever do poder

público, no caso das escolas públicas, oferecer aos professores as condições mínimas necessárias para a formação continuada para que ocorra no momento em que sejam traçadas as políticas educacionais para o ensino e aprendizagem de inglês de forma consistente e positivamente significativa, o que não se observa na condução das políticas públicas adotadas pelo município, ao menos para os professores de Língua Inglesa. Rocha (2007) completa que é essencial que se invista em tempo, recursos, pesquisas, planejamento, materiais adequados e formação de professores para que se obtenha sucesso no ensino aprendizagem da Língua Estrangeira para crianças no ensino regular público. Assim, embora o currículo escolar contemple a presença das aulas de Língua Inglesa desde a Educação Infantil, não há indícios de que a legislação possibilite e que a administração local oportunize a atualização profissional aos docentes que atuam em sala de aula no município.

3.1.5 Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação infantil

Essa pergunta tinha por objetivo conhecer a percepção dos gestores sobre o ensino da Língua Estrangeira para a educação infantil.

O quadro a seguir sintetiza as respostas dos gestores a essa pergunta:

Quadro 8 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil (pergunta fechada)

Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a educação infantil		
Sim	7	
Não	2	

Fonte: a autora

Conforme indicado no quadro acima, dos gestores participantes da pesquisa, dois disseram que o ensino da Língua Inglesa para a educação infantil, mas não justificaram o motivo. Das sete justificativas a essa pergunta emergiram três categorias que bem ilustram a percepção dos gestores sobre o ensino de Língua Inglesa na educação infantil. São elas: planejamento; desenvolvimento infantil; contato com outra Língua/ Língua Inglesa, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 9 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil (pergunta aberta)

Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação infantil		
Planejamento	Desenvolvimento infantil	Contato com outra Língua / Língua Inglesa
Se faz necessário repensar o planejamento para atender a realidade e interesse do aluno. (Gestor I - Escola A)	A criança está preparada para aprender outras Línguas, inclusive de forma mais eficaz que adultos. (Gestor I- Escola A)	Contato com a Língua universal (Gestor VIII- Escola F)
O conteúdo planejado não atende as necessidades. (Gestor III- Escola A)		Por ser uma Língua universal. (Gestor VII- Escola E)
		Língua Inglesa é fundamental. (Gestor VIII- Escola F)

Fonte: autora

Na percepção desses gestores, o ensino da Língua Inglesa já na educação infantil é importante por ela ser uma Língua universal. Um dos gestores afirma que a Língua Inglesa como Língua Estrangeira é fundamental para as crianças, pois é muito importante aprender uma outra Língua na infância. Já o último gestor participante da pesquisa informou que a Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a educação infantil é fundamental, mas precisamos repensar o planejamento.

As percepções dos gestores, que foram expressadas por eles em uma linguagem coloquial, na verdade refletem conceitos descritos por Rajagopalan (2013) quando o autor afirma que em nosso país, no mundo globalizado em que vivemos, conhecer um pouco da Língua Inglesa significa ter melhores oportunidades de estudo, emprego. Para as crianças, a Língua Inglesa está presente nas músicas, filmes, jogos, enfim em uma infinidade de lugares pois a Língua Inglesa como Língua Estrangeira é a que mais circula no mundo. Figueira (2010) relata que em seu artigo “o envolvimento de crianças na aula de Língua Estrangeira” para descrever o envolvimento das crianças de oito a dez anos já alfabetizadas no processo de aprendizagem, a autora realizou um estudo de caso em sala de aula em uma turma

dentro da escola de idiomas, aplicou questionários para os alunos com o objetivo de identificar quais prazeres e desprazeres existiam durante as aulas. As atividades lúdicas foram as preferidas por todas as crianças seguindo por atividades envolvendo música, já as atividades de escritas e de repetições orais foram rejeitadas pelos alunos.

Assim, embora os gestores participantes deste estudo entendam a importância da inserção da Língua Inglesa no currículo escolar desde a educação infantil, também percebem que há a necessidade de se repensar o planejamento nas escolas de forma a que as aulas ministradas atendam de forma mais efetiva as necessidades locais.

3.1.6 Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino fundamental I

Assim como a pergunta anterior. Essa pergunta tinha por objetivo conhecer a percepção dos gestores sobre o ensino da Língua Estrangeira, desta vez para o Ensino Fundamental I

O quadro a seguir sintetiza as respostas dos gestores a essa pergunta:

Quadro 10 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental I (pergunta fechada)

Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino fundamental I		
Sim	8	
Não	1	

Fonte: autora

Conforme indicado no quadro acima, dos nove gestores participantes da pesquisa, apenas um se manifestou contrário ao ensino da Língua Inglesa no ensino fundamental I. Das justificativas a essa pergunta emergiram duas categorias que ilustram a percepção desses gestores: legislação/planejamento; e contato com outra Língua/ Língua Inglesa.

Quadro 11 – Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental I (pergunta aberta)

Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental I	
Legislação/Planejamento	Contato com outra Língua / Língua Inglesa
Faz parte da grade curricular (Gestor IX)	Necessidade desta Língua para a formação da cidadania. (Gestor II- Escola A)
Determinado pela delegacia de ensino. (Gestor II- Escola A)	Ampliar novos conhecimentos. (Gestor V- Escola C)
Atender a grade curricular (Gestor I – Escola A)	Uma Língua universal. (Gestor VIII- Escola E)
Escrito na lei (Gestor VIII- Escola F)	

Fonte: a autora

Conforme se observa no quadro acima, existe a percepção bastante forte de que a presença da Língua Inglesa no currículo escolar se dá, principalmente, para atender determinações legais. Há, também, a percepção da importância do contato com uma Língua Estrangeira desde as séries iniciais por ser a Língua Inglesa uma “Língua universal” e por tal conhecimento ser importante para a “formação da cidadania”. A percepção dos participantes da pesquisa referente a essa pergunta encontra eco nos estudos de alguns pesquisadores. Por exemplo, Villani (2013) afirma que “a importância de uma Língua Estrangeira desde o início do processo de escolarização é nítida nas escolas para auxiliar a construção de uma sociedade livre de preconceitos e o conhecimento de outras Línguas e principalmente de outras culturas.” Villani, (2013, p.14). Conforme já exposto anteriormente, na matriz curricular da rede das escolas municipais de Paraibuna do ensino fundamental I, implantadas para o período de 2014 a 2018, está incluída a Língua Inglesa como Língua Estrangeira com carga horária de 200 horas, sendo uma aula por semana com duração de 50 minutos, o que é semelhante à carga horária anual das disciplinas de história e geografia. A partir de 2014, as aulas de Língua Inglesa como Língua Estrangeira foram incluídas na grade curricular e começou a ser considerada obrigatória para o município. Antes de 2014 havia inglês para as crianças, porém não era necessário incluir a avaliação no boletim do aluno, não sendo a disciplina considerada obrigatória. A afirmação de um dos gestores (Atender a grade curricular) é apenas um processo burocrático dentro do contexto escolar. Como esclarece Rocha (2008, p.155) “a simples oferta não garante um ensino de qualidade”. Desta forma, o que se observa pela resposta dos gestores é que a

presença do ensino da Língua Inglesa no currículo das séries iniciais é vista como um processo que ainda precisa ser melhor explorado nas escolas, de forma a que a presença da Língua Inglesa no currículo ocorra tanto para atender a legislação como também para despertar nas crianças o interesse pela Língua Inglesa, já que, conforme dito pelos gestores, a Língua Inglesa é uma Língua universal, importante para ampliar conhecimentos e para a formação cidadã.

3.1.7 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa

Para a pergunta referente às expectativas dos gestores em relação ao aprendizado da Língua Inglesa dos alunos ao final do ensino fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa foi possível formar duas categorias temáticas: conhecimento básico da Língua e interesse pela Língua.

O quadro a seguir sintetiza as respostas dos gestores a essa pergunta:

Quadro 12 – Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa

Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa	
Conhecimento básico da Língua	Interesse pela Língua
Ter uma base (Gestor IV- Escola A)	Conhecer e despertar o interesse (Gestor I – Escola A)
Saber o básico da Língua (Gestor II- Escola A)	Noção de como funciona uma Língua Estrangeira (Gestor II- Escola A)
Bom desenvolvimento na leitura, oralmente e na escrita. (Gestor VII- Escola E)	Que eles se familiarizem (Gestor VIII- Escola F)
Reconhecer os fundamentos básicos da Língua Estrangeira (Gestor V- Escola C)	
Tenham uma noção da Língua (Gestor VIII- Escola F)	

Fonte: a autora

No que se refere à categoria conhecimento do básico da Língua, conforme a fala de um dos gestores (Desenvolver a leitura oral e escrita) pode ser associado ao que Couceiro- Figueira; Serra, P. (2010) diz sobre o fato de que no início da escolarização, no ensino de uma Língua Estrangeira é extremamente importante usar termos comunicativos para concretizar o que o aluno está aprendendo.

Trabalhar as habilidades orais dos alunos, por meio da utilização de recursos visuais como flashcards é permitir que as crianças entrem em contato com a Língua Estrangeira de forma contextualizada e significativa. “Nós professores devemos nos esforçar para ensinar inglês aos nossos alunos de modo que eles dominem a Língua e não fiquem eternamente no encanto do idioma e da cultura”. (RAJAGOPALAN, 2010, p.159). O domínio da Língua para o estudioso refere-se a fala, a habilidade oral, nossos alunos precisam aprender a falar inglês nem que seja para melhor entender as canções que mais gostam, ou seja, que não fique somente nos encantos associados à cultura Estrangeira; essa afirmação do mesmo autor vem ao encontro a categoria “Familiarizar-se”, por sua vez também é uma oportunidade para a criança familiarizar-se com a linguagem como os gestores mencionaram em suas respostas.

3.1.8 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Infantil na disciplina de Língua Inglesa

Para a pergunta referente às expectativas dos gestores em relação ao aprendizado da Língua Inglesa dos alunos ao final da Educação Infantil, novamente as mesmas duas categorias surgiram: conhecimento básico da Língua e interesse pela Língua.

Quadro 13 – Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil na disciplina de Língua Inglesa

Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Infantil na disciplina de Língua Inglesa	
Conhecimento básico da Língua	Interesse pela Língua
Desenvolver as habilidades na oralidade, tanto no falar como no escutar, ou seja a produção oral. (Gestor VII- Escola E)	O interesse pela Língua Inglesa (Gestor VI – Escola D)
	Despertar nas crianças o interesse através do lúdico. (Gestor VIII- Escola F)
	Indicador a favor da aprendizagem de novos conhecimentos. (Gestor V- Escola C)
	Familiarizar a criança com outra Língua (Gestor I – Escola A)

Fonte: a autora

Rocha (2006, p. 139) alerta que não transforme conteúdos em meros objetos a ensinar, mais sim que sejam vistos com tópicos através dos quais os conhecimentos serão mobilizados.

Com base na categorização das respostas analisadas foi possível descobrir quais são as expectativas dos gestores em relação ao ensino e aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a educação infantil.

Quadro 14: Itens Norteadores - Gestores

ITENS NORTEADORES – GESTORES	CATEGORIAS TEMÁTICAS
Critérios para a inclusão da Língua inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Completar carga horária de professores • Preparar para a vida • Critérios desconhecidos
Critérios para a inclusão da Língua inglesa como Língua Estrangeira no Ensino fundamental I	<ul style="list-style-type: none"> • Atender a legislação • Preparar para a vida • Conhecer outra língua • Critérios desconhecidos
Diretrizes para o ensino da Língua inglesa como Língua estrangeira no Projeto Político Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecem – 1 • Desconhecem – 8
Cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para professores da área de Língua inglesa	<ul style="list-style-type: none"> • Não são oferecidos
Percepção sobre o ensino da língua inglesa como língua estrangeira para a educação infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Repensar planejamento • Desenvolvimento infantil • Contato com outra língua
Percepção sobre o ensino da língua inglesa como língua estrangeira para o Ensino fundamental I	<ul style="list-style-type: none"> • Legislação e planejamento • Contato com outra língua
Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento básico da língua • Interesse pela língua
Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Infantil na disciplina de Língua Inglesa	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento básico da língua • Interesse pela língua

Fonte: A autora

Nesta primeira parte da análise foi possível responder a primeira pergunta de pesquisa (letra a). Conforme mostra o quadro acima, nesta primeira parte do capítulo foi possível responder a primeira pergunta de pesquisa, ou seja, foi possível entender como os gestores que atuam na rede municipal de Paraibuna compreendem a inserção do ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no ensino fundamental I e na Educação infantil. Em resumo para sintetizar a percepção dos gestores, observamos, conforme mostra o quadro a Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Educação Infantil foram para completar a carga horária dos professores de Língua Inglesa e para preparar a criança para ser inserida na sociedade onde elas possam conhecer outra cultura. Apesar de ter gestores que desconhecem os critérios utilizados para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na educação infantil. Já em relação aos critérios utilizados para inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no ensino fundamental I, dos nove gestores participantes da pesquisa apenas dois não responderam disseram desconhecer os critérios, os outros sete responderam e justificaram que os critérios utilizados para a inclusão da Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas séries iniciais foi para atender a grade curricular, de acordo com as determinações legais da delegacia de ensino. Enquanto que outros gestores disseram que os critérios utilizados naquele momento foram conhecer outra Língua, adquirir conhecimento, para as crianças terem contato com a Língua Inglesa, pois só entrou na grade curricular bem mais tarde. O ensino de Língua Inglesa nas séries iniciais é facultativo, incluir ou não na grade curricular é responsabilidade de cada município, pois não há lei nem parâmetros curriculares que regulamente o ensino de Língua Inglesa no ensino fundamental I. Por outro lado outros gestores disseram que os critérios foram para que a criança tenha contato com outra Língua e possa adquirir o conhecimento de uma Língua Estrangeira. O que se percebe é que a Língua Inglesa como Língua Estrangeira foi incluída na matriz curricular da rede das escolas municipais de Paraibuna no ensino fundamental I no período de 2014 a 2018 com carga horária de 200 horas. Finalizando sobre essa pergunta sobre quais foram os critérios utilizados para incluir a Língua Inglesa no ensino fundamental I, a conclusão que se percebe foi que o ensino foi ofertado para atender as exigências impostas pela delegacia de ensino para atender as mudanças ocorridas na grade curricular. Em relação as diretrizes para o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira inclusa no Projeto Político Pedagógico, dos nove gestores participantes da pesquisa,

sete responderam não haver diretrizes para o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira inclusa no Projeto Político Pedagógico, apenas um dos gestores afirmou que durante a construção do Projeto Político Pedagógico foi incluso as diretrizes. O detalhamento sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira pouco aparece no Projeto político pedagógico e para o ensino infantil não há quaisquer diretrizes que direcione o ensino infantil no Projeto Político Pedagógico. As diretrizes para o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para as crianças devem ter definição de objetivos que se deseja alcançar para que o ensino e aprendizagem de torne significativo nos anos iniciais. Apesar da iniciativa municipal que institui o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira nos anos iniciais, isso não é feito de forma consistente e pedagogicamente orientada às necessidades locais. Quanto aos cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para os professores de Língua Inglesa, dos nove participantes apenas quatro justificaram suas respostas dizendo que não há interesse do poder público e que no momento a rede das escolas municipais de Paraibuna não tem profissionais para desenvolver a formação continuada e nem curso de capacitação. Embora o currículo escolar contemple a presença das aulas de Língua Inglesa desde a educação infantil não há indícios de que a legislação possibilite que a administração do local oportunize a atualização dos professores que atuam na sala de aula do município. Em relação a percepção do ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a educação infantil, os gestores percebem que é importante por ser uma Língua universal e o melhor momento para aprender uma Língua Estrangeira é na infância. Embora outros gestores participantes desse estudo percebam que há a necessidade de se repensar o planejamento de forma que as aulas ministradas de Língua Inglesa como Língua Estrangeira atendam de forma efetiva as necessidades locais. Em relação a percepção do ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o ensino fundamental I, dos nove participantes apenas um se manifestou contrário as categorias que emergiram foram planejamento e o contato com outra Língua. É claro que a percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no ensino fundamental I em princípio atender as determinações legais da delegacia de ensino, no entanto a percepção dos gestores em relação a Língua Inglesa como Língua Estrangeira no currículo escolar dos anos iniciais é vista como um processo que ainda precisa ser melhorado nas escolas, de forma que a presença da Língua Inglesa no currículo ocorra tanto para atender a legislação como para despertar nas

crianças o interesse pela Língua Inglesa já que conforme dito pelos gestores, a Língua Inglesa é uma Língua universal, importante para ampliar conhecimentos e para formação da cidadã. Já as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do ensino infantil na disciplina de Língua Inglesa foram que as crianças possam conhecer o básico da Língua Inglesa e que tenham interesse pela Língua. As expectativas dos gestores em relação ao aprendizado dos alunos no final do ensino fundamental I coincidem com as expectativas em relação aos alunos no final do ensino infantil na disciplina de Língua Inglesa como Língua Estrangeira surgiram as mesmas categorias conhecer o básico e que também tenham interesse pela Língua Inglesa.

3.2 OS PROFESSORES REGULARES DE SALA DAS SEIS ESCOLAS

Esta seção do capítulo tem por objetivo apresentar e discutir as respostas dadas pelos professores regulares de sala para responder a segunda pergunta de pesquisa: Como se percebe o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I e na Educação Infantil no município de Paraibuna?

Conforme já exposto no capítulo 2, seção 2.2 e seção 2.3., as escolas que participaram da pesquisa no município de Paraibuna foram uma escola de Educação Infantil e duas escolas de Ensino Fundamental I e três de Educação infantil e Ensino Fundamental I. Participaram desta pesquisa 68 professores e 6 escolas.

A seguir apresento a análise das respostas dos professores regulares de sala de acordo ao questionário de pesquisa.

As respostas às perguntas formuladas aos professores regulares (Apêndice B) serão apresentadas na seguinte ordem, como explicitado no Quadro 14, abaixo:

Quadro 15 - Perguntas dos questionários de pesquisa aplicadas aos professores regulares de sala.

Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para Educação Infantil
Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I
Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Infantil

Fonte: a autora

3.2.1 Percepção sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil

A primeira pergunta tinha por objetivo conhecer as percepções dos professores com relação à importância da Língua Inglesa para as crianças na educação infantil. Conforme mostra o Quadro 15 abaixo, as respostas indicaram que mais de 95% dos professores entendem que o ensino da Língua Inglesa é fundamental para as crianças.

Quadro 16 - Percepção sobre o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil.

Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil	
Sim	56
Não	2

Fonte: a autora

Das justificativas apresentadas pelos professores a essa pergunta formaram-se 3 categorias, conforme mostra o Quadro 16, a seguir:

Quadro 17- Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil

Conhecer outra Língua/ Familiarizar-se/ gostar do inglês	Facilidade para aprender/idade	Aprender de forma lúdica
Assim a criança irá se familiarizar com outra Língua. (Escola A- Prof.20)	Quanto mais novas iniciarem estudo desta Língua, mais facilidade terão de aprendê-la (Escola A - Prof. 2)	Momento para aprender de forma lúdica. (Escola A – Prof. 13)
Para que eles gostem do inglês (Escola A – Prof.12)	Até com seis anos de idade a criança é capaz de aprender com mais facilidade. (Escola B – Prof. 21)	Através do lúdico também se aprende. (Escola B- Prof. 22)
É importante que as crianças tenham conhecimento de uma outra Língua, para enriquecimento do seu vocabulário. (Escola D- Prof.29)	Na atualidade o inglês é imprescindível quanto mais cedo se começa o contato melhor. (Escola F- Prof.55)	
Para que as crianças tenham curiosidade em aprender uma nova Língua. (Escola D- Prof.36)		

A Língua Inglesa está presente em toda parte: Brinquedos, desenhos, jogos, roupas, etc... (Escola E - Prof. 43)		
--	--	--

Fonte: autora

Na percepção dos professores, a importância da criança conhecer outra Língua, familiarizar-se a uma nova Língua e gostar do inglês é ilustrada conforme a fala do Prof. 20 da Escola A “Assim a criança irá se familiarizar com outra Língua” Isso vem ao encontro do que diz Rajagopalan (2005 a , p.159) “ O grande desafio é ajudar os aprendizes a dominarem a Língua se serem dominados por ela.” Observa-se, portanto, pela fala dos professores que participaram desta pesquisa que eles têm essa ciência e entendem a importância das aulas de inglês no currículo.

Já quando os professores trazem à tona a importância de se ter contato com uma segunda Língua antes dos seis anos, que está explicitado na categoria “facilidade para aprender/ idade”, observa-se a presença da percepção da importância da aprendizagem da Língua Estrangeira no início da vida escolar das crianças, o que corrobora a visão de Rajagopalan (2010) quando ele afirma que é preciso esgotar qualquer sinal ou sensação de estranheza para que a criança aprenda uma Língua Estrangeira. Segundo o mesmo autor a criança só domina uma segunda Língua: domando-a, trazendo-a para dentro do seu repertório linguístico. Conforme o autor, é aí que se encontra o verdadeiro sentido da aprendizagem.

Finalmente, a terceira categoria, aprender de forma lúdica, traz à tona a percepção dos professores sobre o fato de que na educação infantil é possível fazer a associação entre jogos, brincadeiras e a aprendizagem da Língua Estrangeira, conforme a fala do Prof. 22 da Escola B “ Através do lúdico também se aprende”. Conforme pesquisa realizada por Scaffaro (2010) e já descrita no capítulo 1 desta pesquisa atividades de vocabulário ensinadas às crianças por meio de jogos e outros tipos de atividades dirigidas, usando-se a contação de histórias em Língua Estrangeira de forma lúdica, surgiram bons resultados. Embora os professores pesquisados tenham a percepção sobre a importância de jogos e brincadeiras nas aulas de Língua Inglesa para essa faixa etária, não significa que a aprendizagem lúdica de Língua Inglesa seja realidade no contexto educacional do município objeto desta pesquisa. Significa, apenas, que os professores regulares acreditam que isso seja possível.

Embora os professores pesquisados tenham a percepção sobre a importância de jogos e brincadeiras nas aulas de Língua Inglesa para essa faixa etária, não significa que a aprendizagem lúdica de Língua Inglesa seja realidade no contexto educacional do município objeto desta pesquisa. Significa, apenas, que os professores regulares acreditam que isso seja possível.

3.2.2 Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa?

Das respostas dadas pelos professores à pergunta “Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa?” Formaram-se 5 categorias, conforme mostra o Quadro 17, a seguir:

Quadro 18 - Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I.

Conhecer o básico	Oralidade	Formação cidadã	Conhecer outra Língua/ Familiarizar-se
Acredito que começar a ter noção de um vocabulário básico e conhecer palavras de uso comum. Saber expressar-se com frases simples. (Escola A – Prof. 2)	Que saibam falar palavras e frases o suficiente para comunicar algumas ideias. (Escola A- Prof. 5)	Proporcionar uma formação cidadã, dando uma sequência dos conteúdos curriculares de cada ano/fase. (Escola A- Prof.1)	Que desperte nos alunos o interesse no aprendizado de uma Língua Estrangeira. (Escola F- Prof. 56) Espero que os alunos despertem o interesse pela Língua Inglesa, sendo capazes de adquirir cultura e conhecimentos básicos para que possam servir como base para conhecimentos futuros. (Escola F- Prof.57)
Que eles aprendam os numerais até dez, as cores, cumprimentos, datas, animais, brinquedos, o que está no seu cotidiano. (Escola A- Prof.3)	Que eles estejam aptos à se comunicar. (Escola E- Prof. 39)		
O conhecimento sobre a Língua, despertar o interesse curiosidade sobre a Língua Estrangeira e primeiras noções através de palavras, músicas, pequenos textos, entre outros. (Escola A- Prof. 11)	Que os alunos dominem a pronúncia e compreendam o significado de termos simples. (Escola F- Prof.52)		

Fonte: a autora

Em relação à primeira categoria (conhecer o básico) observa-se que na percepção dos professores, o contato com a Língua Inglesa que a criança deve

limitar-se à aprendizagem de vocabulário (“conhecer palavras de uso comum – Prof. 2 – Escola A; “aprender numerais até 10, cores, datas, animais). Tal percepção carrega em si uma visão de aprendizagem de Línguas descontextualizada do meio e na tradução. Ao mesmo tempo, as colocações feitas pelo Prof. 11 da Escola A “O conhecimento sobre a Língua, despertar o interesse curiosidade sobre a Língua Estrangeira e primeiras noções através de palavras, músicas, pequenos textos, entre outros “ e o que o Prof. 3 da Escola A “ Que eles aprendam os numerais até dez, as cores, cumprimentos, datas, animais, brinquedos o que está no seu cotidiano.” E pelo Prof.2 da Escola A “Acredito que começar a ter noção de um vocabulário básico e conhecer palavras de uso comum. Saber expressar-se com frases simples” vão ao encontro do que diz Rajagopalan (2013) ao afirmar que a percepção da Língua Inglesa enquanto ferramenta do mundo globalizado é um passaporte para o sucesso profissional futuro levando a melhores oportunidades. Quando o estudante se engaja no processo de aprendizagem, ou ainda, quando a escola se engaja em conscientizar o estudante, desde as séries iniciais, sobre a importância do idioma, dando-lhe a oportunidade e despertando o interesse pelo idioma aproximando o idioma de seu cotidiano, abre-se a possibilidade de promover condições de aprendizagem favoráveis para o aluno. As colocações feitas pelo Prof. 5 da Escola A “Que saibam falar palavras e frases o suficiente para comunicar algumas ideias” e pelo Prof. 39 da Escola E “Que eles estejam aptos à se comunicar” e também pelo Prof.47 da Escola F “Que os alunos dominem a pronúncia e compreendam o significado de termos simples” vão ao encontro que Figueira (2010) relata em seu artigo “O envolvimento de crianças na aula de Língua Estrangeira” que para descrever o envolvimento das crianças entre oito e dez anos já alfabetizadas o processo de aprendizagem realizou um estudo de caso em sala de aula em uma turma de Língua Inglesa dentro de uma escola de idiomas, aplicou questionário para os alunos com o objetivo de identificar quais prazeres e desprazeres existiam durante as aulas. As atividades lúdicas foram as preferidas por todas as crianças seguindo por atividades envolvendo música, já as atividades de escritas e de repetições orais foram rejeitadas pelos alunos. Onde as crianças praticam a oralidade, através da música.

No que diz respeito à terceira categoria, “formação cidadã”, conforme diz o Prof. 1 da Escola A, “Proporcionar uma formação cidadã, dando uma sequência dos conteúdos curriculares de cada ano/ fase”, vem ao encontro do que Celani (1997) diz

quando afirma que para que se possa evitar o fracasso na aprendizagem de Línguas na escola pública, os objetivos devem decorrer da função social da Língua Estrangeira na construção da cidadania e da formação global do indivíduo.

Finalmente a quarta categoria (conhecer a Língua, familiarizar-se) de acordo com o que o Prof. 56 da Escola F fala: “Que desperte nos alunos o interesse no aprendizado de uma Língua Estrangeira” vai ao encontro da pesquisa de Gimenez (2010) explica que mesmo diante da carência de diretrizes para o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira nas séries iniciais, município que, em sua grade curricular, incluir uma Língua além da materna precisa tomar como base os parâmetros definidos para esse ensino em etapas posteriores. Desta forma mesmo não sendo adequado para essa faixa etária a criança já começa se familiarizando com a Língua Estrangeira.

Assim, observa-se que a expectativa dos professores regulares de sala, no que diz respeito ao aprendizado da Língua Inglesa engloba percepções diversas, às vezes contraditórias: ao mesmo tempo em que os professores entendem a relevância do aprendizado da Língua para a constituição do sujeito e para a formação cidadã do estudante dessa faixa etária, eles entendem que a escola deve limitar-se a ensinar vocabulário básico (cores, números, animais) e ao ensino de pronúncia e de estruturas simples da Língua.

3.2.3 Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil, na disciplina de Língua Inglesa?

Das respostas dadas pelos professores à pergunta “Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Infantil, na disciplina de Língua Inglesa ?” Formaram-se cinco categorias temáticas: Conhecer o básico, começar cedo, conhecer outra Língua/Familiarizar-se/interessar-se, aprender brincando, Desenvolvimento da Oralidade, conforme mostra o Quadro 18, a seguir:

Quadro 19 - Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil

Conhecer o básico	Começar cedo	Conhecer outra Língua/Familiarizar-se/ Interessar-se	Aprender brincando	Desenvolver a Oralidade
Que eles entendam e falem coisas do cotidiano (cores, alguns animais). (Escola A- Prof.6)	Começar desde cedo a ter contato com a Língua e já ir adquirindo vocabulário. (Escola A- Prof.2)	Seria a percepção da Língua Inglesa em nosso dia a dia. (Escola A- Prof. 15)	Trabalho executado de maneira lúdica com jogos e brincadeiras para envolvimento dos educandos na aprendizagem. (Escola A- Prof.11)	Talvez o conhecimento da Língua e a oralidade de algumas músicas. (Escola F- Prof.54)
Ter noção que existe outra Língua, e saber contar até dez. (Escola B- Prof.22)		Eles vão se familiarizando com a fala. (Escola A- Prof.3)		
Despertar o interesse, para aprender novas Línguas, com conhecimento básico para o convívio de sua faixa etária. (Escola F- Prof.53)	Não sei se é importante, porém já ouvi dizer que as crianças menores aprendem com mais facilidade. (Escola F- Prof.51)	Que os alunos se interessem pela Língua Inglesa. (Escola A- Prof.12)		
		Os alunos do ensino infantil desta unidade não tem Língua Inglesa, mas deveriam pelo menos conhecer a Língua Estrangeira. (Escola F- Prof.50)		

Fonte: a autora

É interessante observar a convergência das percepções dos professores quando se trata das expectativas com relação ao aprendizado dos alunos ao final da Educação Infantil e ao final do Ensino Fundamental I. No que diz respeito à primeira categoria (conhecer o básico) o Prof. 53 da Escola F, por exemplo, diz: “Despertar o interesse, para aprender novas Línguas, com conhecimento básico para o convívio de sua faixa etária” e a literatura corrobora tal visão quando Rajagopalan (2013) diz que a presença desta Língua Estrangeira no Brasil não é novidade para qualquer pessoa que tenha o mínimo de conhecimento a respeito do país e de sua história recente. Para o autor a percepção da Língua Inglesa enquanto ferramenta do mundo globalizado é um passaporte para o sucesso profissional levando melhores oportunidades de trabalho.

No que diz respeito à segunda categoria (começar cedo) os professores a seguir dizem: Prof. 2 da Escola A “Começar desde cedo a ter contato com a Língua e já ir adquirindo vocabulário” e o Prof. 51 da Escola F dizem “Não sei se é importante, porém já ouvi dizer que as crianças menores aprendem com mais facilidade.” e a literatura corrobora tal visão quando, por exemplo, Rocha (2007) aborda que no setor público tem aumentado iniciativas do ensino de Línguas nos anos iniciais da Educação básica, embora seja uma disciplina de caráter optativo na matriz curricular do Ensino Fundamental I. A mesma autora completa no Brasil o ensino de Língua Estrangeira para crianças mostra-se uma área em grande expansão.

No que diz respeito à terceira categoria (conhecer outra Língua, familiarizar-se, interessar-se o Prof. 15 da Escola A diz “Seria a percepção da Língua Inglesa em nosso dia a dia” e a literatura corrobora tal visão quando por exemplo Santos (2010, p.163) cita que

[...] no que concerne à escola, primeiramente, é necessário que haja um entendimento de que a LI é tão importante quanto as demais disciplinas; em seguida, investimentos em materiais didáticos para o desenvolvimento das aulas e viabilização da participação dos docentes em eventos concernentes a sua área de atuação.

No que diz respeito à quarta categoria (Aprender brincando) conforme o Prof. 11 da Escola A, “ Trabalho executado de maneira lúdica com jogos e brincadeiras para envolvimento dos educandos na aprendizagem” vem ao encontro ao que ao que Tonelli (2007) relata que ensinar a Língua Inglesa como Língua Estrangeira através da história de livros, onde o professor mostra as palavras e os desenhos enquanto lê, possibilita a criança associar o som ao símbolo.

No que diz respeito à quinta categoria (Desenvolver a oralidade) conforme o Prof. 54 da Escola F “Talvez o conhecimento da Língua e a oralidade de algumas músicas” Vem ao encontro a pesquisa de Coelho (2005), por sua vez, realizou um levantamento de crenças sobre ensino e aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira com quatro professores de Inglês em formação e alunos do Ensino Fundamental e médio em três escolas públicas da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais. Os resultados sugerem que os professores acreditam ser responsáveis pela aprendizagem de seus alunos e dizem que é possível aprender

estruturas básicas da Língua, enquanto os alunos acreditam que realmente o ensino da Língua Inglesa tem que começar nas séries iniciais.

Quadro 20: Itens Norteadores – Professores Regulares

ITENS NORTEADORES - PROFESSORES REGULARES	CATEGORIAS TEMÁTICAS
Percepção do ensino da língua inglesa como língua estrangeira para a educação Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer outra língua/ familiarizar-se/gostar do inglês • Facilidade para aprender/ idade • Aprender de forma lúdica
Expectativas em relação ao aprendizado no final do Ensino Fundamental I	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o básico • Oralidade • Formação cidadã • Conhecer outra língua/ familiarizar-se
Expectativas em relação ao aprendizado no final da Educação Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o básico • Começar cedo • Conhecer outra língua/ familiarizar-se/ interessar-se • Aprender brincando • Desenvolver a oralidade

Fonte: A autora

Nesta segunda parte da análise foi possível responder a primeira pergunta de pesquisa (letra b). Conforme mostra o quadro acima, por meio da análise dos dados constatou-se que os professores regulares de sala acreditam que a Língua Inglesa como Língua Estrangeira é fundamental para as crianças e que seja possível proporcionar atividades lúdicas com jogos e brincadeiras, porém não percebem a falta de políticas públicas específicas para a disciplina, um bom planejamento na área com objetivos claros e diretrizes consistentes para o ensino aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira. As expectativas dos professores regulares

de sala limitam-se ao vocabulário básico. Conforme inúmeras leituras sobre ensinar e aprender Língua Inglesa como Língua Estrangeira percebe-se que o ensino-aprendizagem do vocabulário, conforme Scafarro (2010), vai além de aprender apenas palavras, que podem ser dadas através da contextualização do vocabulário em atividades variadas, atividades que desenvolvam a aprendizagem significativa atendendo às necessidades e expectativas de cada criança. Já em relação as expectativas em relação ao ensino aprendido da Língua Inglesa como Língua Estrangeira coincide com as expectativas para o Ensino Fundamental I conhecer o básico, começar cedo, familiarizar-se com a Língua e acima de tudo aprender brincando, vem ao encontro ao que Rocha (2010) esclarece no processo de ensino aprendizagem a implementação de atividades lúdicas, como jogos pedagógicos, músicas, dramatizações são ricas ferramentas para o ensino aprendizagem com as crianças.

3.3 A PROFESSORA DE INGLÊS

São três as professoras efetivas de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças na rede das escolas municipais de Paraibuna. A pesquisadora, a prof. 59 e uma outra professora que não quis participar da pesquisa A professora de inglês participante da pesquisa atua nas escolas da rede municipal desde 2012, em duas escolas para completar a carga horária. Sua sede de exercício é na Escola F.

A seguir, apresento as respostas desta participante.

3.3.1 Percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira para Educação Infantil

Em relação a resposta da professora de inglês referente a percepção sobre o ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira na educação infantil, foi possível formar uma categoria temática: Idade.

A prof. 59 da Escola F afirmou que: “Quanto mais cedo tiverem contato mais facilmente aprenderão” ou seja, assim como os professores regulares de sala, a professora de inglês entende que é importante que a criança comece a aprender a

Língua Estrangeira desde o início da vida escolar. Tal percepção corrobora o que diz Villani (2013) sobre a importância de uma Língua Estrangeira desde o início da escolarização de forma que a criança seja exposta a diferentes visões de mundo.

3.3.2 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa

Em relação à resposta da professora de inglês para esta pergunta foi possível formar uma categoria temática: Estar preparado.

A categoria estar preparado, de acordo com o que a prof. 59 da Escola F diz: “Estarem preparados para acompanhar sem grandes dificuldades os anos posteriores.”, vem ao encontro do que o estudioso Rajagopalan (2010) diz, ou seja que dominar a Língua refere-se a fala, a habilidade oral, e que nossos alunos precisam aprender a falar inglês nem que seja para melhor entender as canções que mais gostam, ou seja, que não fiquem somente nos encantos associados à cultura Estrangeira. Assim, a professora participante da pesquisa entende que seu trabalho tem um papel importante na formação do estudante, pois visa a prepará-lo para dar continuidade a seus estudos.

3.3.3 Expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil, na disciplina de Língua Inglesa

Em relação à resposta da professora de inglês foi possível formar uma categoria temática: Familiarizar-se com a tecnologia

A categoria “Familiarizar-se com a tecnologia”, conforme o Prof. 59 da Escola F diz: “Estar familiarizado com a tecnologia para iniciar os estudos e ter sucesso na aprendizagem”, vem de encontro ao que Rocha (2008) “as crianças precisam ter igualdade de oportunidades para se inserirem na sociedade, do qual, aliás, de alguma forma diariamente, já recebem *input* em outras Línguas, principalmente de Língua Inglesa; por isso espera-se que o ensino ofertado funcione satisfatoriamente.”

Assim, nesta terceira parte da análise foi possível responder a segunda pergunta de pesquisa, item c, entender a percepção da professora de inglês que atua a cinco anos na rede das escolas municipais de Paraibuna, compreender sua percepção, suas expectativas em relação ao ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no ensino fundamental I e na Educação infantil.

Quadro 21 – Itens Norteadores – Professores de Inglês

ITENS NORTEADORES – PROFESSORES DE INGLÊS	CATEGORIAS TEMÁTICAS
Percepção do ensino da língua inglesa como língua estrangeira para a educação Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • IDADE
Expectativas em relação ao aprendizado no final do Ensino Fundamental I	<ul style="list-style-type: none"> • Estar preparado
Expectativas em relação ao aprendizado no final da Educação Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Familiarizar-se com a tecnologia

Fonte: autora

Em resumo para sintetizar a percepção da professora de inglês, conforme mostra o quadro acima, observamos que para professora é fundamental a Língua Inglesa para as crianças. Na visão dela quanto mais cedo elas conhecerem a Língua Inglesa melhor. E em relação as suas expectativas em relação aos alunos no final do ensino fundamental I, que estejam preparados para acompanhar os anos posteriores. E em relação as expectativas dos alunos no final do ensino infantil, estarem familiarizados com a tecnologia.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho contribuiu para descobrir as percepções dos gestores e professores sobre o ensino aprendizagem de Língua Inglesa no município de Paraibuna- SP. Para melhor compreensão da pesquisa empreendida, resgata-se o problema de pesquisa: Como se percebe o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I e na Educação infantil:

- a) na visão dos gestores (supervisora, diretora, coordenadora) ?
- b) na visão dos professores regulares de sala?
- c) na visão das professoras de inglês ?

A partir da aplicação e análise dos questionários de pesquisa para 68 participantes em 6 escolas emergiram categorias de análise. Nesta análise, foi possível compreender: as percepções dos docentes e dos gestores em relação ao ensino aprendizagem de Língua Inglesa na Educação infantil e no Ensino Fundamental I; se havia diretrizes inclusas no Projeto Político Pedagógico do Município, curso para capacitação e formação continuada; e se havia critérios para inclusão da disciplina no currículo das crianças.

Em relação às respostas dos gestores sobre a existência, ou não, de critérios de inclusão do ensino de Língua Inglesa nas séries iniciais, que é facultativo, incluir ou não na grade curricular é responsabilidade de cada município, pois não há lei nem parâmetros que regulamentem esse ensino. Com isso, a rede pública não tem obrigação de oferecer a disciplina. Mas no caso do município estudado, constata-se que a disciplina é ofertada, porém não se estabeleceu uma diretriz para que o professor possa seguir, através do plano das políticas educacionais.

A análise dos depoimentos coletados revela que os gestores têm consciência de que é o processo educacional que prepara o aluno para a vida, oportunizando assim uma visão de mundo. O que podemos observar é que nos critérios para inclusão do ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I, o ensino é ofertado apenas para atender a necessidade imposta pela diretoria de ensino, ou seja atender as mudanças na grade curricular. Por outro lado alguns gestores afirmam o que critério utilizado é para que o aluno tenha contato com a Língua, e com isso possa adquirir conhecimento de uma Língua Estrangeira. Na legislação, a Língua Inglesa deve ser introduzida a partir do 6º ano do Ensino

Fundamental I, mas de acordo com os gestores da rede das escolas municipais de Paraibuna, a diretoria de ensino implantou a Língua Inglesa como Língua Estrangeira a partir da 1º ano e a incluiu na matriz curricular a partir de 2014. Mesmo não tendo nenhuma diretriz do ensino de Língua Inglesa na rede das escolas municipais de Paraibuna nem para o Ensino Fundamental I e muito menos para a Educação Infantil, continua-se completando a carga horária de alguns professores com horário disponível, através da apresentação de projeto de ensino para a educação infantil que é submetido a diretoria de ensino. Após aprovação, são atribuídas aulas para este determinado profissional da área. Porém, com a pesquisa, pude observar que já existem alguns municípios ofertando o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças. O município de Campinas, por exemplo, informa que para que o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira tenha sucesso é necessário ter objetivos claros, garantia de tempo de formação, tempo pedagógico, duas aulas por semana em cada ano do ciclo I e II, destinado para esse propósito através de Diretriz Curricular. No contexto investigado, ou seja, no município de Paraibuna, embora tenha havido melhoras, ainda não é dada a devida atenção à disciplina, talvez por falta de interesse do poder público e das políticas públicas do local. Na análise dos depoimentos coletados dos professores regulares de sala, de acordo com a segunda pergunta de pesquisa: Como se percebe o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I e na Educação infantil no município de Paraibuna?, em relação às expectativas ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, 95% dos professores entendem que o ensino de Língua Inglesa é fundamental para as crianças; que vem ao encontro ao que Villani (2013) menciona que a importância de uma Língua Estrangeira no início do processo de escolarização é essencial nas escolas para auxiliar na construção de uma sociedade livre de preconceitos e o conhecimento de outras Línguas, costumes e principalmente outras culturas. Ainda no contexto educacional brasileiro, o ensino aprendizagem de Língua Estrangeira para crianças está sendo introduzido cada vez mais cedo, como afirma Scheiffer (2010). As professoras regulares de sala acreditam na citação desses autores, mas o resultado é que no contexto do município investigado existe a falta de políticas públicas específicas para a disciplina de Língua Inglesa, dificultando os planejamentos consistentes e projetos. Notou-se também que o inglês é uma disciplina pouco significativa nas escolas públicas, pois há um descaso em relação

ao ensino e aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças no contexto investigado apesar das professoras serem unânimes ao acreditarem que possam existir políticas públicas para a disciplina. Em relação à análise do depoimento coletado da professora de inglês, pude observar que em sua percepção o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira é fundamental. Ela ainda acrescenta que quanto mais cedo melhor. O que a professora disse vem ao encontro do que afirmam vários pesquisadores da linguagem, como Rocha (2006, p.30), que afirma que “o contato com diferentes culturas se intensificam através do meio de comunicação e das novas tecnologias, sendo hoje considerado uma forte tendência para o processo de aprendizagem se inicie cedo”.

Quanto às expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do ensino fundamental I, a professora responde que os alunos precisam estar preparados para enfrentar as séries seguintes, indo ao encontro ao que Rajagopalan (2010) esclarece: que “nossos alunos precisam aprender a falar inglês, nem que seja para entender as canções que mais gostam para que não fique apenas nos encantos na cultura Estrangeira”.

Em relação ao seu depoimento em relação à última pergunta, quais são as expectativas em relação aos alunos no final do ensino infantil, a professora mencionou que as crianças precisam se familiarizar com a tecnologia. No mundo globalizado cada vez mais cedo, as crianças têm contato com o mundo digital, e isso vai ao encontro da visão de Rocha (2008), que enfatiza que as crianças precisam ter oportunidades iguais para se inserirem na sociedade, pois recebem *input* de outras Línguas, e isto colabora para que o ensino-aprendizagem funcione satisfatoriamente e significativamente.

Ao final desta pesquisa, vejo-me capaz de responder a uma inquietação que me acompanha desde que ingressei como professora de Língua Inglesa na rede municipal de Paraibuna. Por que não tenho voz? Na minha experiência de trabalho no município nesses cinco anos, eu não entendia porque não conseguia expressar minhas opiniões nos horários de estudo coletivo (HEC), ser ouvida ou participar de Conselhos de sala e poder falar sobre o aluno com o qual também realizo atividades. Também não entendia por que o professor de inglês não é valorizado na rede das escolas municipais. O que vejo agora, ao final deste estudo, é que há falta de uma política educacional para a disciplina de Língua Inglesa, mesmo não havendo lei que determine a inclusão dessa disciplina para as séries iniciais. Por esse motivo é

fundamental conhecer e poder atuar nos princípios das políticas públicas em educação. São poucos os trabalhos que têm como foco o ensino de Língua Inglesa para crianças na educação básica pública no Brasil; menos ainda são os estudos que focam nas políticas públicas para a educação básica. É necessário que sejam estabelecidos critérios, diretrizes bem definidas, conteúdos programáticos, tempos de aula, ou seja, que se possa trabalhar com objetivos bem definidos, para que se obtenha sucesso e para que o profissional professor de Línguas sinta-se valorizado e motivado para continuar realizando suas atividades. O que se constata é que a falta de orientação e de diretrizes para o ensino de Língua Inglesa e as lacunas das políticas públicas tornam cada dia mais difícil realizar os projetos com os alunos.

A pesquisa que realizei para construir esta dissertação foi muito importante, na medida que me proporcionou um entendimento teórico mais extenso acerca do ensino aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para crianças, através das percepções dos gestores e professores da rede das escolas municipais de Paraibuna na Educação infantil e no Ensino Fundamental I. Apesar das dificuldades enfrentadas no decorrer da minha pesquisa, em relação ao acesso às escolas rurais para aplicar os questionários de pesquisa, para mim, como pesquisadora e também como professora de inglês na rede das escolas do município de Paraibuna, comprometida com o ensino e aprendizagem das crianças, foi enriquecedor e estimulador conhecer as percepções e expectativas dos gestores, melhorando minha prática.

Conforme as respostas dos professores regulares de sala, observei que a maioria dos professores colocou em suas respostas algo positivo em relação ao ensino da Língua inglesa como Língua estrangeira para crianças. Observo também que a oportunidade e benefícios que a rede municipal de Paraibuna está proporcionando a essas crianças em aprender a língua inglesa é muito bom, evitando sérios problemas nos anos posteriores. Quanto aos documentos norteadores do ensino, precisam dar mais apoio ao ensino de língua inglesa como língua estrangeira nas séries iniciais da rede municipal de Paraibuna; para que eu e as demais professoras de inglês possamos desenvolver um trabalho melhor, e mais amparado.

Finalizo minhas considerações e acredito que esta pesquisa possa servir como uma contribuição para investigações posteriores, na área de Linguística Aplicada, no ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira, de forma geral, na área de ensino de idiomas, como uma possibilidade de construir conhecimentos linguísticos, a partir da diversidade de informações e da colaboração de gestores e professores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. História, Políticas e Ética na formação de professores de Línguas. In: Reis, S. (Org.). *História, Políticas e Ética na Área Profissional da Linguagem*. Londrina: Eduel, 2017.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Edições 70 Ltda. 2016.

BOHN, H. Ensino e aprendizagem de Línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. In: LOPES, L. P. M. (Org.) *Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Língua Estrangeira. Terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, p.120,1998.

CASOY, P. *Direito e Educação: Políticas Públicas no sistema educacional brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Educação). 2006. 85 f. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

CELANI, M. A.A. Ensino de Línguas Estrangeiras: olhando para o futuro. In: CELANI, M. A. A. (Org.). *Ensino da segunda Língua: redescobrimo as origens*. São Paulo: EDUC, 1997.

CELANI, M.A.A. Não há uma receita no ensino da Língua Inglesa. *Revista Nova Escola*. Ed. 222, maio de 2009.

COSTA, R. V. *Pode ser em inglês? Não. Em Português primeiro?*. Ensino de Língua Inglesa para crianças em contextos emergentes no país: um estudo de caso. 2007. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

COELHO, H. S. H. *É possível aprender inglês na escola?: crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas*. 2005. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

COUCEIRO, F.; SERRA, P. O ensino aprendizagem do inglês no primeiro ciclo. Um estudo exploratório. *Educ.vol.13, nº 1/ Abril. 2010, p.43-59*.

DONNINI, L.; PLATERO, L.; WEIGEL, A. *Ensino de Língua Inglesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

FIGUEIRA, C.D.S. O envolvimento de crianças na aula de Língua Estrangeira. In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A.; SILVA, K. A. (Org.). *Língua Estrangeira para crianças: Ensino aprendizagem e formação docente*. V.7. p. 93-122 Campinas: Pontes Editores, 2010.

FIGUEIRA, A.P. C.; SERRA, M.A. P. O Ensino aprendizagem do Inglês no primeiro ciclo. Um estudo exploratório. *Educación y Educadores*. v.13, n 1,2007. p.43-59.

GIMENEZ, T. A Ausência de políticas para o ensino da Língua Inglesa nos anos iniciais de escolarização no Brasil. In: NICOLAIDES, C; *et.al. Políticas e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013. p.199-217.

LEFFA, V.J. O ensino de Línguas Estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*. v.4. p.13-24, 1999.

LIRA, B. C. *O passo a passo do trabalho científico*. Editora Vozes. 2014.

MELLO, M. G. B. *Ensino de inglês nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um estudo de política pública no município de Rolândia, PR*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. 2013. 132 f. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

NUNAN, D. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: University Press. 1992.

OLIVEIRA, L. E. M. *A Historiografia Brasileira da Literatura Inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)*. 1999. 189 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

ORIGE, M. M. *Língua Inglesa para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental: Quem prepara esses profissionais?* 2010. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de pós-graduação em Letras. Linguagem. Interação e processo de aprendizagem. Uniritter, Porto Alegre, 2010.

PARAIBUNA. Plano de gestão, Prefeitura de Paraibuna- Quadriênio 2015/2018. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, Prefeitura de PARAIBUNA. Diretoria de Ensino da região de Taubaté- Plano de Gestão da Prefeitura de Paraibuna- Quadriênio 2015/2018 ano 2015. end. eletrônico: www.detaubate.com.br

PARAIBUNA. Prefeitura Municipal de Paraibuna. Diretoria Municipal de Educação. Projeto político pedagógico. 2014.

PARAIBUNA. PMP - Regimento das Escolas Municipais de Ensino Fundamental de Paraibuna- SP. Ofício DME nº 026/2008. Diretoria municipal de Paraibuna. Prefeitura Municipal de Paraibuna.

PEREIRA, J. M. *Manual de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas. 2010.

PFEIFFER, C.C. Políticas públicas: Educação e Linguagem. *Caderno de estudos linguísticos*, v. 53, n. 2, p.149- 155.2011.

RAJAGOPALAN, K. O ensino de Línguas Estrangeiras como uma questão política. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (Org.). *Espaços linguísticos: resistências e expansões*. Salvador: Editora da UFBA, 2006, p. 15-24.

RAJAGOPALAN, K. Política linguística: do que é que se trata, afinal? In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A. da; TILIO R.; ROCHA, C. H. (Org.) *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes/ALAB, 2013, p. 19-42.

RAJAGOPALAN, K. Políticas de ensino de Línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas. In: LOPES, L.P.M.(Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. 1a ed. p.143-161. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

RAJAGOPALAN, K. A Língua Estrangeira para criança: Um tema no mínimo ambíguo. In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J.R.A.; SILVA, K.A.(Org.). *Língua Estrangeira para crianças: Ensino – aprendizagem e formação docente*. Coleção: novas perspectivas em linguística aplicada. vol.7.p.9-12. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

RAJAGOPALAN, K. *A geopolítica da Língua Inglesa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Parábola, 2005.

ROCHA, C. H. O Ensino de Línguas para crianças no contexto educacional brasileiro: breves reflexões e possíveis provisões. *Delta*, v. 23, n. 2, p. 273-319, 2007.

ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A.; SILVA, K. A. *Língua Estrangeira para crianças: Ensino aprendizagem e formação docente. Novas perspectivas em linguística aplicada*. vol. 7.Campinas: Pontes Editores, 2010.

ROCHA, C.H. *Provisões para ensinar LE no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries: dos parâmetros oficiais e objetivos dos agentes*. 2006. 340 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

ROCHA, C. H.O Ensino de Línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas. In: ROCHA, C. H.; BASSO, E. (Org.). *Ensinar e aprender Língua Estrangeira nas diferentes idades*. São Carlos. Charaluz, p. 15-34, 2008.

ROCHA, C.H; TONELLI, J. R. Assunção; SILVA, K. A. da. Percursos no ensino aprendizagem de Línguas Estrangeiras para crianças no contexto brasileiro. In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J.R.A.; SILVA, K.A. *Língua Estrangeira para crianças: Ensino – aprendizagem e formação docente*. Coleção: novas perspectivas em linguística aplicada. vol.7.p.29-92. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

SANTOS, L. I. S. *Crenças acerca da inclusão da Língua Inglesa nas séries iniciais: Quanto antes melhor?* 2005. 230 f. Dissertação de Mestrado (Estudos de Linguagem) – Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2005.

SANTOS, Leandra Inês Seganfredo. Presença de LE na sociedade e em contextos de ensino regular público. In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A.; SILVA, K. A. (Org.) *Língua Estrangeira para crianças: Ensino aprendizagem e formação docente*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. v.7, p.149-184. Campinas, SP: Ponte Editores, 2010.

SCAFFARO, A.P. O uso da atividade de contar histórias como recurso na retenção de vocabulário novo na Língua Inglesa com crianças na fase pré – escolar. In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A.; SILVA, K. A. da.(Org.). *Língua Estrangeira para crianças: Ensino aprendizagem e formação docente*. Coleção: novas perspectivas em linguística aplicada. vol.7. p.61-92. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

SCHEIFER, C. L. Crenças e (inter) ações no ensino de Língua Estrangeira para crianças: O percurso reflexivo de uma professora pesquisadora. In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A.; SILVA, K. A. (Org.). *Língua Estrangeira para crianças: Ensino aprendizagem e formação docente*. v.7. p. 221-268. Campinas: Pontes Editores, 2010.

SILVA, K. A.; ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A. Percursos no ensino aprendizagem de Línguas Estrangeiras para crianças no contexto brasileiro. In: ROCHA, C. H.; TONELLI, J. R. A.; SILVA, K. A. (Org.). *Língua Estrangeira para crianças: Ensino aprendizagem e formação docente*. Coleção: novas perspectivas em linguística aplicada. vol.7. p. 29-60. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

SOUZA, M.P.R. Psicologia escolar e políticas públicas em Educação. Desafios contemporâneos, *Em Aberto*, v. 23, n 83, p.129-149, 2010.

TONELLI, J.R.A. Histórias infantis e o ensino da Língua Inglesa para crianças. In: TONELLI, J.R.A.; RAMOS, S.G.M. (Org.). *O ensino da LE para crianças: Reflexões e contribuições*. Londrina, PR: Moriá, p.107-136,2007.

ORNELLAS, L.L.H. de Representações de professores de Inglês do Ensino Fundamental I. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Área de concentração: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo, 2010.

VILLANI, F. L. *A Implantação do Ensino e a Aprendizagem de Língua Inglesa no Currículo Regular do Ensino Fundamental I nas Escolas Regulares: A Necessidade*

de se rever o Processo Formativo dos Professores Pré e em serviço. Recorte – revista eletrônica, v. 10, n. 1, 2013.

VEIGA, Ilmo Passos da Projeto Político- Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilmo Passos da (org.). *Projeto político- pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA GESTORES

1) A) Quais foram os critérios para incluir a Língua Inglesa no currículo do ensino infantil?

B) Quais foram os critérios para incluir a Língua Inglesa no currículo do Ensino Fundamental I?

2) Há diretrizes para o ensino aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira incluso no projeto político pedagógico?

() Sim Por quê?

() Não

3) Há cursos oferecidos como capacitação e formação continuada para os professores da área de Língua Inglesa?

() Sim Por quê?

() Não

4) Na sua percepção o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para educação infantil é fundamental para as crianças?

() Sim Por quê?

() Não

5) O ensino aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira é obrigatório desde o primeiro ano do Ensino Fundamental I ?

() Sim Por quê?

() Não

6) Há critérios para seleção de docentes de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para o município de Paraibuna?

() Sim Em caso afirmativo, quais?

() Não

7) Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I na disciplina de Língua Inglesa?

8) Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação infantil, na disciplina de Língua Inglesa?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES REGULARES DE SALA

1) Na sua percepção o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil é fundamental para as crianças?

() Sim Por quê?

() Não

2) Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa?

3) Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil, na disciplina de Língua Inglesa?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA

- 1) Na sua percepção o ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para a Educação Infantil é fundamental para as crianças?
() Sim Por quê?
() Não
- 2) Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final do Ensino Fundamental I, na disciplina de Língua Inglesa?
- 3) Quais são as expectativas em relação ao aprendizado dos alunos no final da Educação Infantil, na disciplina de Língua Inglesa?